



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA  
AMAZÔNIA

MÊRIVANIA ROCHA BARRETO

Makunaima/Macunaíma

Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções.

BRAGANÇA

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA  
AMAZÔNIA

MÊRIVANIA ROCHA BARRETO

Makunaima/Macunaíma

Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções.

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, como requisito para a obtenção do título de mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Gunter Karl Pressler

Área de concentração: Leitura e Tradução Cultural

Bragança/ Pará

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

---

Rocha Barreto, Mêrivania, 1986-  
Makunaima/macunaíma, Theodor Koch-Grünberg e  
Mário de Andrade, entre fatos e ficções /  
Mêrivania Rocha Barreto. - 2014.

Orientador: Gunter Karl Pressler.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal  
do Pará, Campus de Bragança, Programa de  
Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na  
Amazônia, Bragança, 2014.

1. Literatura comparada - Alemã e brasileira.  
2. Narrativa (Retórica). 3. Viajantes na  
literatura. 4. Koch-Grünberg, Theodor,  
1872-1924. 5. Andrade, Mário de, 1893-1945. I.  
Título.

CDD 22. ed. 809

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA**  
**AMAZÔNIA**

**Makunaima/Macunaíma**

**Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções.**

**Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, como requisito para a obtenção do título de mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.**

**Área de concentração: Leitura e Tradução Cultural**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Gunter Karl Pressler- Orientador**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mayara Ribeiro Guimarães-Membro da Banca**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sylvania Maria Trusen- Membro da Banca**

**Apresentado em:17/05/2014**

**Conceito: \_\_\_\_\_**

Dedico esta dissertação aos meus pais, Carlos e Ocilene, os quais sempre acreditaram que o conhecimento é a forma digna de se conquistar um lugar ao sol e, como prova viva, estou aqui concluindo mais uma etapa desta busca incansável pelo conhecimento.

## AGRADECIMENTOS

O que escrever em um trabalho acadêmico é decidido à medida que este vai sendo desenvolvido, de modo que algumas vezes é surpresa para o próprio pesquisador, pois este não sabe como será o desfecho de seu trabalho. A única coisa que o pesquisador sabe, de antemão, que irá constar no corpo do seu trabalho são os agradecimentos e, conseqüentemente, a quem agradecer, embora não caibam, nesta parte, todos os porquês necessários dos agradecimentos, caso contrário, este item seria maior que o trabalho em si. Então vamos lá!

Primeiramente agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, por serem meu refúgio nos momentos difíceis da vida e dessa escrita que às vezes se torna tão sofrida e enfadonha;

Agradeço aos meus amados pais por todo o apoio nas minhas escolhas, carinho e cuidado. Tudo que tenho e sou devo a eles;

Agradeço aos meus irmãos Edson, Edvan, Edvaldo e Tainar pela confiança em meu trabalho;

Agradeço às minhas princesinhas Emilly e Estefane pelo carinho com a titia coruja;

Agradeço ao Cleber, pelo companheirismo de anos e pela paciência;

Agradeço a todos os meus familiares que sempre acreditaram em meu potencial e entendem a minha ausência;

Agradeço imensamente a professora Sylvia Trusen, pois grande parte dessa conquista (esse tão sonhado título) devo a ela, pois foi com ela, ainda na graduação, sobretudo com a iniciação científica, que comecei a ter o gosto pela pesquisa e o prazer em buscar novos conhecimentos. Também foi ela quem me apresentou o **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter** e Theodor Koch-Grünberg;

Não devo esquecer dos meus amigos Adão, Gleubia e Karina pela amizade verdadeira que criamos nesses dois anos de curso, por serem meus companheiros

de batalha; pelo carinho; pelos conselhos e por me ouvirem nas horas difíceis da escrita;

Agradeço também ao meu orientador, professor Gunter Karl Pressler, por ter direcionado a minha pesquisa, pela ajuda na leitura dos textos em alemão e pelas informações preciosíssimas trazidas da Alemanha;

Agradeço à professora Mayara Guimarães, pelas contribuições na qualificação;

Agradeço a todos os professores do PPGLS que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação;

Agradeço ao Renan, secretário do PPGLS, pelas inúmeras declarações que me enviava todas as vezes que lhe mandava um e-mail solicitando.

## RESUMO

O presente trabalho trata de uma análise comparativa e crítica sobre dois diferentes tipos de textos: a coleção de narrativas referentes a Makunaima, reunidas pelo etnólogo Theodor Koch-Grünberg no segundo volume de **Vom Roroima zum Orinoco** (1917 e 1924) e o texto ficcional, **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter**, de Mário de Andrade, que foi um leitor atencioso do trabalho etnológico de Koch-Grünberg realizado em tribos indígenas da Amazônia. Assim, esta dissertação será bibliográfica e apresenta como objetivo geral um estudo voltado para a discussão do processo de criação dos fatos e ficções nas narrativas relacionadas a figura de Makunaima e no livro **Macunaíma** e, como objetivos específicos, traçar uma discussão sobre a realidade e imaginação na literatura dos dois viajantes da Amazônia, Mário de Andrade e Theodor Koch-Grünberg e mostrar o percurso do trabalho literário de Mário de Andrade para compor **Macunaíma**. Este estudo comparativo também provoca discussão sobre fidelidade *versus* traição nos escritos de Theodor Koch-Grünberg sobre as tribos indígenas da região Circum-Roraima. Para tanto, se faz necessário, principalmente, os estudos relacionados à teoria da recepção e sobre facticidade e ficcionalidade, bem como da cultura e mitologia indígena.

**Palavras-chave:** Mário de Andrade; Theodor Koch-Grünberg; fatos e ficções; Makunaima e **Macunaíma**.

## RESUMEN

El presente trabajo aborda un análisis de comparación y crítica sobre dos tipos de textos distintos; la colección de narrativas referente a Makunaima, reunidas por el etnólogo Theodor Koch-Grünberg en el segundo volumen de **Vom Roroima zum Orinoco** (1917 e 1924) y el texto de ficción, **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter**, de Mario de Andrade, atencioso lector del trabajo etnológico de Koch-Grünberg realizado en tribus indígenas de la Amazonia. Por lo tanto, esta disertación es de carácter bibliográfico y su objetivo global expone una pesquisa hacia la discusión del proceso de creación de los hechos y ficciones en las narrativas relacionadas a la figura de Makunaima y en el libro **Macunaíma**, asimismo sus objetivos específicos es delinear una discusión sobre la realidad y la imaginación en la literatura de dos viajeros de la Amazonia, Mário de Andrade y Theodor Koch-Grünberg, y apuntar la trayectoria del trabajo literario de Mário de Andrade para componer **Macunaíma**. Además, este análisis de comparación incita discusión respecto de la fidelidad *versus* traición en los escritos de Theodor Koch-Grünberg sobre las tribus indígenas de la región Circum-Roraima. Para ello, es de suma importancia, no sólo los análisis relacionados a la teoría de la aceptación, facticidad y ficción sino también de la mitología indígena y de la cultura.

**Palabras-clave:** Mário de Andrade; Theodor Koch-Grünberg; hechos y ficciones; Makunaima y **Macunaíma**.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	07
RESUMEN .....	08
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
<b>CAPÍTULO 1 - THEODOR KOCH-GRÜNBERG NA AMAZÔNIA .....</b>	<b>15</b>
1.1- THEODOR KOCH-GRÜNBERG E A SITUAÇÃO DA ETNOLOGIA NA ALEMANHA.....	16
1.2- O DIÁRIO: AS IMPRESSÕES DO ETNÓLOGO NA EXPEDIÇÃO DE 1911 A 1913 .....	22
1.3- AS NARRATIVAS EM TORNO DE MAKUNAIMA.....	27
<b>CAPÍTULO 2 – MÁRIO DE ANDRADE NA AMAZÔNIA.....</b>	<b>35</b>
2.1- O ESCRITOR E O FOLCLORISTA.....	36
2.2- A VIAGEM AO NORTE DO BRASIL .....	37
2.3 - O LIVRO <b>MACUNAÍMA</b> .....	41
2.4 - ADAPTAÇÃO E COMPOSIÇÃO .....	43
2.5 - A RECEPÇÃO NO BRASIL.....	51
<b>CAPÍTULO 3- RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO: MAKUNAIMA E MACUNAÍMA</b>	<b>57</b>
3.1 - A VISÃO DE THEODOR KOCH-GRÜNBERG.....	58
3.2- FATOS E FICÇÕES.....	63
3.3 –FATOS E FICÇÕES EM <b>MACUNAÍMA</b> E MAKUNAIMA. ....	66
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>83</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>88</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo proposto neste trabalho é uma continuação das pesquisas que venho desenvolvendo desde a graduação, mais especificamente com meu trabalho de conclusão de curso, o qual foi intitulado “Processo de composição do livro **Macunaíma**: mitos e lendas”. Nele, trabalhei particularmente os mitos e lendas que compõem a obra **Macunaíma**, de Mário de Andrade. Estes, em sua maioria, foram retirados do livro **Mitos e Lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**, que apresenta uma coletânea de 50 narrativas recolhidas pelo pesquisador alemão Theodor Koch-Grünberg em tribos indígenas da Amazônia, dentre as quais 12 fazem referência ao personagem que dá nome ao livro de Mário de Andrade.

Após o término da graduação decidi fazer mestrado e continuar trabalhando com **Macunaíma**. Precisei fazer algumas adequações no meu projeto de pesquisa, as quais foram se moldando à medida que eu ia fazendo as disciplinas do curso, em especial com as disciplinas que envolviam as teorias da recepção, sobretudo no que diz respeito aos fatos e ficções. Ao descobrir que ainda hoje, mais de cem anos após a expedição de Theodor Koch-Grünberg, as narrativas em torno de Makunaima ainda se fazem presente nas sociedades onde o viajante realizou suas pesquisas, decidi fazer esta dissertação tendo como *corpus* principal estas narrativas indígenas.

### Organização da dissertação

O trabalho a ser desenvolvido será composto por três capítulos, uma introdução e uma conclusão. Nas considerações iniciais, será feita a contextualização do tema, mostrado o objeto da pesquisa, os objetivos geral e específicos e a justificativa do trabalho, além da localização, fundamentação teórica e a metodologia.

No primeiro capítulo será feita uma breve explanação sobre o porquê de a região amazônica ter atraído muitos viajantes alemães nos séculos XIX e XX, inclusive Theodor Koch-Grünberg. Mais adiante será mostrada a biografia do viajante alemão e as suas viagens realizadas na Amazônia, porém irei me deter somente na que foi feita nos anos de 1911 a 1913. Por fim, serão expostas, em

pequenos detalhes, as impressões que o viajante alemão teve dos povos indígenas ao fazer suas pesquisas, a fim de entendermos um pouco mais sobre o pensamento deste em relação aos seus sujeitos de pesquisa; depois será feito um comentário geral a respeito da figura de Makunaima, representada nas narrativas indígenas levando em consideração suas principais características, destacando os povos onde as narrativas se apresentam e os demais viajantes que também a coletaram.

O segundo capítulo tratará da biografia de Mário de Andrade e da contribuição da sua viagem realizada ao norte do Brasil para a redação final de **Macunaíma**. Também será feita uma pequena análise do livro **Macunaíma**, tendo como foco seu enredo e processo de composição, além de um breve estudo sobre a recepção do livro no Brasil tendo como foco as críticas que apresentavam conteúdo voltado para o processo de composição do livro, especialmente os comentários acerca da incorporação das narrativas presentes no livro **Mitos e Lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**.

O último capítulo tratará das narrativas relacionadas a Makunaima presentes no volume II de **Vom Roroima zum Orinoco**, tendo como foco principal a figura de Makunaima. Assim, o estudo pretende lançar uma discussão envolvendo fidelidade *versus* traição nos escritos do viajante alemão e, por fim, serão discutidas as teorias que envolvem fatos e ficções, direcionando-as à figura de Makunaima e ao livro **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter**.

Por último, as considerações finais farão uma retomada do trabalho, quando será exposto o objetivo geral, mostrando se ele foi alcançado ou não. Também deverão ser destacados os resultados da pesquisa, assim como sugestões de futuras pesquisas relacionadas ao trabalho que foi desenvolvido.

### **Traçando os objetivos**

O presente trabalho tem como objetivo geral lançar uma discussão voltada para o processo de criação dos fatos e ficções nas narrativas relacionadas a Makunaima e no livro fictício **Macunaíma** de Mário de Andrade. Além deste, terá como objetivos específicos traçar um comentário sobre a realidade e imaginação na literatura dos viajantes da Amazônia, Mário de Andrade e Theodor Koch-Grünberg; mostrar o percurso do trabalho literário de Mário de Andrade para compor

**Macunaíma**, bem como o trajeto do trabalho etnológico de Theodor Koch-Grünberg nas tribos indígenas da Amazônia, além de discutir a noção de fidelidade *versus* traição, sobretudo em relação ao processo de tradução sofrido pelas narrativas orais quando estas passavam da língua indígena para a portuguesa e desta para a alemã.

### **Justificar é necessário**

Sabe-se que Mário de Andrade teve a ideia de criar **Macunaíma** a partir da leitura que fez de **Vom Roroima zum Orinoco (Do Roraima ao Orinoco)**, sobretudo do segundo volume que trata das narrativas recolhidas pelo viajante alemão Theodor Koch-Grünberg ao fazer uma expedição nos anos de 1911 a 1913 em tribos indígenas da região Circum-Roraima, dentre as quais estão as narrativas sobre Makunaima. Nesse sentido, podemos inferir que **Macunaíma**, até então definido como ficção, foi criado a partir de uma realidade empírica das tribos indígenas da Amazônia. Portanto, com base nessas informações e em um questionamento colocado por Wolfgang Iser (1983): “os textos ficcionados serão de fato tão ficcionais e os que assim não se dizem serão de fato isentos de ficções?” (ISER, 1983, p.384) o qual é posto a partir do momento em que o autor sente-se incomodado pelo fato das pessoas, por meio do senso comum, chamado pelo teórico de “saber tácito,” entenderem os termos ficção e realidade como sendo opostos, surgiu a proposta de desenvolver uma reflexão acerca do processo de criação dos elementos factuais e ficcionais que podem se fazer presentes nas histórias relacionadas a Makunaima e no livro homônimo de Mário de Andrade.

### **Fundamentação teórica e metodológica**

Esta pesquisa será bibliográfica e abrangerá o ramo da teoria literária, mais especificamente da teoria da recepção, detendo-se detalhadamente sobre a análise dos textos e seus contextos, da literatura dos viajantes e das narrativas orais, em especial das histórias indígenas. Alguns dos referências teóricas utilizados para a pesquisa bibliográfica serão os livros de teoria da recepção de Wolfgang Iser, dentre os quais podemos destacar: **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional; O fictício e o imaginário – Perspectivas de uma Antropologia Literária; O ato da leitura – Uma teoria do efeito estético;** os de Karlheinz Stierle:

**O que significa a recepção de textos ficcionais e A ficção. Novos Cadernos do Mestrado** e o livro **Trópicos do Discurso - Ensaio Sobre a Crítica da Cultura** de Hayden White. Estes darão os suportes necessários para as discussões teóricas envolvendo facticidade e ficcionalidade.

Para fazer os estudos acerca do livro **Macunaíma**, assim como sobre seu autor, serão usados os livros de crítica literária **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, edição crítica; A margem e o texto;** e **Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos** de Telê Porto Ancona Lopez; **O Tupy e o Alaúde**, de Gilda de Mello e as cartas que Mário de Andrade trocou com Manuel Bandeira e Câmara Cascudo, que faziam referência a **Macunaíma** ou a viagem do autor modernista ao norte do país. Faz-se necessário acrescentar, ainda, **O Turista Aprendiz** de Mário de Andrade, o qual foi resultado das observações de viagem do autor modernista.

Além destes, serão usados o primeiro e o segundo volume de **Vom Roroima zum Orinoco**, de Theodor Koch-Grünberg, traduzidos no Brasil: O primeiro intitulado de: **Do Roraima ao Orinoco, v.1: (observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913)**, nele, o etnólogo relata, em pequenos detalhes, a sua expedição; o segundo volume organizado por Medeiros (2002) cujo título é **Makunaíma e Jurupari, cosmogonias ameríndias** o qual apresenta todas as narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg referentes a Makunaima presentes em **Mythen und legenden der taulipang- und arekuna-indianer** que faz parte do segundo volume de **Vom Roroima zum Orinoco** . Além das narrativas, também faremos uso dos textos **A mitologia do viajante solitário e Contos confusos** de Sérgio Medeiros e **Tricksters e mentirosos que abalaram a literatura nacional: As narrativas de akúli e Mayuluaípu** de Lúcia Sá, estes também estão presentes em **Makunaíma e Jurupari, cosmogonias ameríndias** e fazem uma abordagem crítica acerca de Makunaima. Outro referencial de grande importância, sobretudo para entender o trabalho de Theodor Koch-Grünberg, será o artigo **Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Volkerkunde alemã do século XIX** do antropólogo Erwin Frank. Ainda serão utilizados os livros **Aspectos do mito, O sagrado e o profano** e **Mito e realidade** de Mircéa Eliáde que contribuirão sobre as discussões a respeito do termo mito.

Todas essas referências, além de outras que serão incluídas até o término deste trabalho, devem dar o suporte teórico e crítico necessário para o desenvolvimento da pesquisa.

Para fazer as discussões sobre os fatos e ficções em nosso trabalho, além do livro **Makunaíma e Jurupari, cosmogonias ameríndias**, organizado por Sérgio Medeiros, teremos como *corpus* de pesquisa o livro, **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter** de Mário de Andrade e o documentário “Nas trilhas de Makunaima”, o qual se encontra em anexo neste trabalho, produzido no ano de 2007, pela TV Cultura, em parceria com a Universidade de Roraima. Decidimos usar o documentário porque ele é o que temos de mais atual a respeito das narrativas sobre Makunaima, uma vez que não foi possível fazermos pesquisa de campo.

## **CAPÍTULO 1**

### **THEODOR KOCH-GRÜNBERG NA AMAZÔNIA**

### 1.1- Theodor Koch-Grünberg e a situação da etnologia na Alemanha

O século XIX foi o apogeu das expedições naturalistas na Amazônia, sobretudo feita pelos alemães. Estes foram influenciados principalmente pela *Völkerkunde* (*Völker* – povos - *Kunde* - conhecimento) - corrente antropológica alemã que estava em voga nas academias e quando a etnografia ia se consolidando enquanto ciência- a qual buscava, principalmente, o entendimento da natureza do homem e de sua cultura, através da comparação do caráter e do modo de vida de diferentes povos.

O pesquisador Michael Kraus (2004), ao fazer um balanço histórico sobre a pesquisa etnológica alemã na Amazônia, observa que estas pesquisas estão diretamente ligadas ao surgimento dos museus alemães que tinham em seus acervos coleções particulares de comerciantes burgueses e aristocratas alemães. Com o objetivo de recolher o maior número de objetos etnográficos de vários continentes, os museus começaram a financiar viagens de etnólogos alemães para a Amazônia. O primeiro grande incentivador de pesquisa etnológica foi Adolf Bastian que foi o primeiro diretor do museu de Berlim. “Para Bastian o museu foi o lugar de coleções e de pesquisas, onde os elementos materiais podem ser comparados para o estudo do desenvolvimento da humanidade” (KRAUS, 2004, PP 53-54 tradução Gunter Pressler). O aspecto econômico sempre foi muito importante para os museus, de modo que as pesquisas científicas, que até o início do século XX também eram quase que exclusivamente de responsabilidade dos museus (Munique, Berlim, Stuttgart entre outros), sempre estavam em segundo plano, pois o que interessava, primeiramente, eram as coleções de objetos etnográficos. Somente depois do século XX as pesquisas passaram a ser de responsabilidade das universidades, pois conforme Kraus, até então, “nas universidades no império alemão não tinham cargos para etnólogos” (KRAUS, 2004, p.59 tradução Gunter Pressler).

O interesse dos naturalistas alemães pela Amazônia está ligado ao pequeno impacto da expansão imperialista alemã, fazendo com que os viajantes escolhessem as sociedades sul-americanas, uma vez que elas se encontravam abandonadas pela antropologia francesa e inglesa, as quais se dedicavam aos estudos sobre a África,

a Ásia e a Oceania, deixando de lado o interesse pelos índios da América do Sul, conforme verificamos nas palavras da pesquisadora Anne-Christine Taylor

enquanto os etnólogos especialistas da África, Ásia e Oceania já haviam produzido uma rica coleta de monografias hoje consideradas clássicas, não existia nenhuma obra marcante sobre as culturas indígenas das terras baixas da América do Sul (TAYLOR, 2011, p.79).

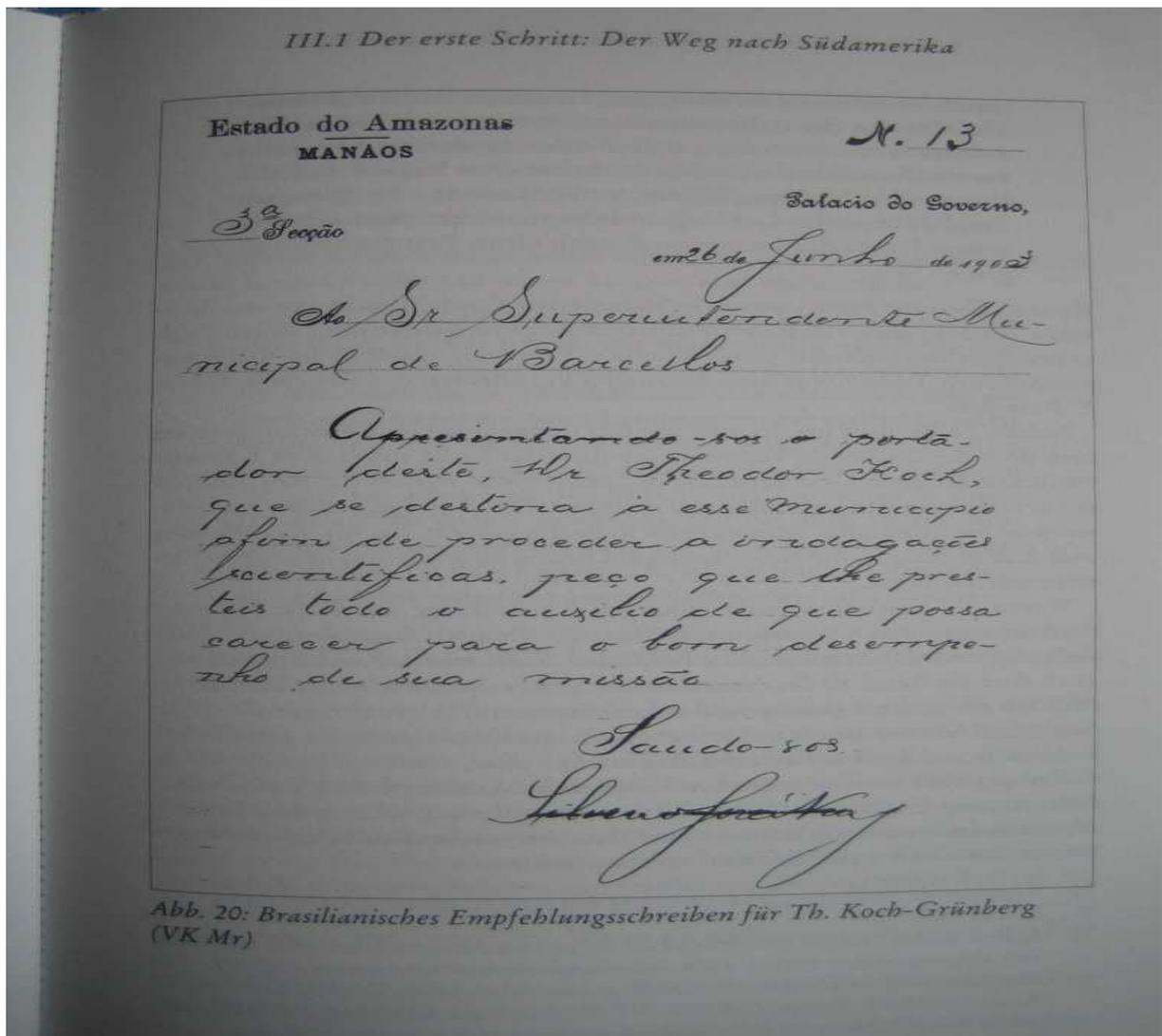
Portanto, a vinda dos naturalistas alemães para a Amazônia estava ligada ao projeto científico característico da cultura etnográfica alemã da época e ao pequeno interesse dos outros países pela cultura sul-americana.

Dentre os principais naturalistas alemães na Amazônia, destaca-se Theodor Koch-Grünberg. Sobre a vinda dele e dos demais naturalistas para a Amazônia, Fábio Carvalho diz o seguinte

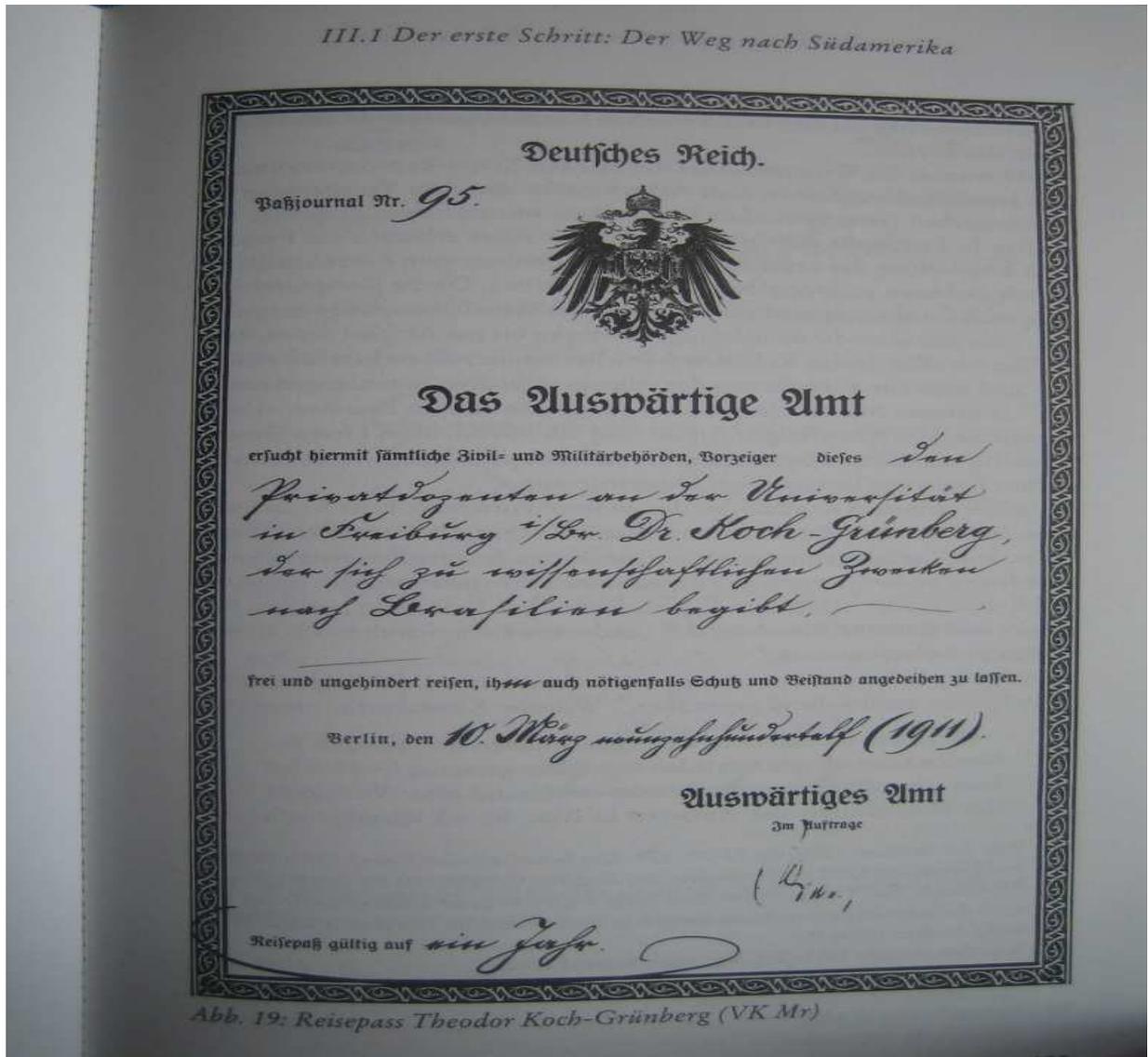
foram influenciados diretamente pela intenção de caráter etnográfico de captar a *anima* dos povos indígenas da região Circun-Roraima, cuja escolha se deu em razão do estado “primitivo” dessa população, até então quase desconhecida. O projeto de Koch-Grünberg tinha o objetivo de captar, para usar de um conceito-chave para o romantismo alemão e ainda em voga nesse momento para a cultura etnográfica alemã, a “cor local”, ou seja, o espírito e a alma desses povos primitivos que, por essa razão mesma, podiam servir de explicação para muitas das indagações sobre as etapas evolutivas da humanidade e sobre os diferentes estágios de desenvolvimento das civilizações e das sociedades. (CARVALHO, 2009, não paginado).

Christian Theodor Koch nasceu no ano de 1872 na Alemanha, na pequena cidade de Grünberg localizada na região de Hessen. Era filho de pastores luteranos, fazia parte da classe culturalmente hegemônica da Alemanha, a “*Bildungsbürgertum* – burguesia de educação ou de formação”, (FRANK, 2005, p.563) onde estavam incluídos os servidores públicos, sobretudo, professores, além dos profissionais autônomos, em especial os luteranos. Frank (2005) observa que por obediência aos mandos da *Bildungsideal* Theodor Koch formou-se em filologia e exerceu a profissão de professor do ensino médio até o ano de 1901. Apesar de sua formação no ramo da filologia, desde muito jovem, o etnólogo já demonstrava interesse pelos índios e acompanhava as aventuras dos viajantes pelo mundo através das revistas de viagens, tais como a *Globus*, de modo que isso acabou influenciando na vida profissional do pesquisador, que sempre esteve ligada aos museus alemães e a

expedições em tribos indígenas da Amazônia. Theodor Koch chegou a fazer quatro viagens na região amazônica. Na primeira, ainda muito jovem, nos anos de 1898 a 1900, foi apenas acompanhante de Hermann Meyer em uma viagem ao Brasil Central que tinha o objetivo de explorar o rio Ronuro, afluente do alto Xingu. Ao retornar à Alemanha, foi convidado por Adolf Bastian, então fundador e diretor do *Königliches Museum für Völkerkunde* (Real Museu de Etnologia), para trabalhar como estagiário, passando em seguida para assistente, momento em que o viajante resolve inserir o nome de sua cidade natal em seu sobrenome, passando a ser conhecido por Koch-Grünberg. A segunda viagem do pesquisador na Amazônia foi financiada pelo museu de Berlim e realizada nos anos de 1903 a 1905, conforme data de apresentação da carta do governador do estado do Amazonas retirada do livro de Kraus (2004):



Nessa viagem Theodor Koch-Grünberg fez sua primeira expedição ao noroeste amazônico; a terceira aconteceu no período de 1911 a 1913 na América do Sul, conforme portaria do imperador, a qual retiramos do livro de Kraus (2004):



Como resultado desta expedição o pesquisador alemão publicou a obra **Vom Roroima zum Orinoco (Do Roraima ao Orinoco)**, retirada de seu roteiro de viagem e dividida em cinco volumes: **Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913; Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arecuná; Ilustrações culturais e espirituais; Dados linguísticos e um Atlas biotipológico.** Destes, somente os volumes um e dois foram traduzidos no Brasil para o português. Esta viagem foi a principal expedição de Koch-Grünberg e teve o patrocínio do *Baessler-Institut* de Berlim, com a finalidade de enriquecer a

coleção de materiais indígenas do instituto e de publicar os resultados da pesquisa, o que ocorreu nos anos de 1916 a 1928. As pesquisas abrangeram a região Circum-Roraima, compreendida entre o Brasil, mais especificamente em Roraima, Venezuela e Guiana, por meio de uma região, até então, em grande parte inexplorada e de difícil acesso, sobretudo ao Monte Roraima<sup>1</sup>. Após esta expedição, Theodor Koch-Grünberg tinha interesse em se candidatar para trabalhar no museu Goeldi, em Belém do Pará, pois a situação na Alemanha não estava muito boa, mas resolveu voltar ao país de origem, passando a trabalhar no departamento de etnologia da Universidade de Freiburg; no ano de 1915 tornou-se diretor científico do Museu Linden, em Stuttgart e, ao mesmo instante, assumia a docência na Universidade de Heidelberg, alcançando o auge de sua carreira. A crise do pós-guerra alcançou o Museu de Etnologia e, em 1924, Koch-Grünberg entregou o cargo e aceitou o convite do norte-americano Alexander Hamilton Rice para mais uma viagem à Amazônia, desta vez o objetivo era explorar em detalhes as nascentes do Rio Orinoco e Negro. Contudo, não foi concluída pelo viajante, uma vez que este chegou a falecer, no povoado de Vista Alegre, no médio Rio Branco em Roraima, provavelmente vítima de malária<sup>2</sup>.

Theodor Koch-Grünberg inovou o campo etnológico, pois foi um dos primeiros a fazer gravações a respeito das danças e músicas<sup>3</sup> indígenas, além de ter sido um experiente fotógrafo. Como resultado de suas viagens, recolheu uma grande quantidade de objetos etnográficos<sup>4</sup>, os quais se encontram, em sua maioria, no

---

<sup>1</sup> Conforme uma reportagem exibida pelo programa Globo Repórter da Rede Globo, no dia 22 de março de 2013, ainda hoje, mais de cem anos depois da expedição de Theodor Koch-Grünberg, continua sendo muito difícil o acesso ao Monte Roraima.

<sup>2</sup> Em 1924 Theodor Koch-Grünberg tinha outra proposta de viagem: acompanhar um Suíço em uma expedição, mas, infelizmente, já havia se comprometido com Rice.

<sup>3</sup> Por iniciativa do Arquivo fonográfico de Berlim, no ano de 2006, algumas dessas músicas indígenas que foram gravadas por Theodor Koch-Grünberg passaram por um processo de restauração e foram publicadas em um CD, apresentando, ao todo, 30 melodias. Essas gravações foram os primeiros documentos da música indígena do norte do Brasil, portanto, são de grande importância para o estudo da música e das culturas indígenas brasileiras uma vez que constituem um riquíssimo acervo de documentos em áudio desses povos.

<sup>4</sup> Apesar de ter escrito no prefácio de **observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913** que na Amazônia não havia nada de objetos etnográficos, resolveu ficar no país e continuar com a expedição pois também tinha interesse em fazer pesquisas sobre a cultura indígena da região.

Real Museu de Etnologia de Berlim, na Alemanha, e também em alguns museus do país, além de uma pequena parte no Museu Emílio Goeldi em Belém do Pará. Estes objetos foram obtidos através de trocas, entre o viajante e os indígenas, por artefatos trazidos da Europa (miçangas, espelhos, facas, etc.). Além da coleção de objetos etnográficos, o pesquisador alemão, ainda publicou muitos trabalhos resultantes de suas expedições, dentre os quais podemos citar: **Dois anos entre os indígenas. Viagens no noroeste do Brasil (1903-1905); Walzenaufnahmen aus Brasilien 1911-1913; Começos da arte na selva; A distribuição dos povos entre Rio Branco, Orinoco, Rio Negro e Yapurá e Vom Roroima zum Orinoco.**

### 1.2- O diário: as impressões do etnólogo na expedição de 1911 a 1913

No dia 27 de março de 1911 desembarcava no porto de Manaus Theodor Koch-Grünberg para mais uma expedição. O viajante tinha o objetivo de percorrer o trajeto até o Monte Roraima e chegar até ao rio Orinoco, na Venezuela. Esta se tornaria a expedição mais importante de sua carreira. Tal expedição foi registrada em mínimos detalhes pelo pesquisador em seu diário, que faz parte da obra **Vom Roroima zum Orinoco**<sup>5</sup>. As informações eram “[...] anotadas aleatoriamente, sobre impressão imediata, no calor da hora e no lugar dos acontecimentos” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.27). Conforme Dorothea Passeti (2004) “É comum constar nos relatos de viagem de cientistas – antropólogos, biólogos, geógrafos ou simplesmente ‘naturalistas’ – que neles se mesclam observações, reflexões científicas e de cunho pessoal [...]” (PASSETTI, 2004, p. 35). Com Koch-Grünberg não foi diferente, ele descreve a geografia, a fauna e a flora dos lugares por onde passa e até mesmo a política local. Talvez, devido ao imediatismo em registrar os acontecimentos na hora, sem pensar nas impressões que seus escritos poderiam causar para possíveis leitores, podemos inferir que algumas anotações se encontram repletas de preconceitos em relação ao “povo moreno” que é o sujeito de sua pesquisa. Enumeramos algumas delas: “desonestidade é uma das principais características desse povo inferior” (KOCH-GRÜNBERG, 2006 p.241); “Agora a

---

<sup>5</sup> Devido a dificuldade da leitura em alemão, neste trabalho, fazemos uso da edição publicada pela editora Unesp e o instituto Martius-Staden, em 2006 e traduzido por Cristina Camargo Arbets-Franco do original alemão **Von Roroima zum Orinoco**

insensibilidade desse povo inferior se revela. [...]. Esses monstros deixaram o pobre macaquinho morrer de fome e o maltrataram até a morte” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 254); “insensíveis como todos os índios, abandonam um cachorrinho às margens do rio Mewerari, de forte correnteza” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 263). Também em relação aos demais brasileiros é visível a ideia de superioridade, de estrangeiro, de europeu e de branco em alguns escritos no diário de Theodor Koch-Grünberg: “a confiança é algo que não se pode apreciar demais nesse país” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 150). Até mesmo através da sua vestimenta – roupas brancas e chapéu – o pesquisador procura reforçar sua cultura em relação à dos indígenas, tentando mostrar-se superior e civilizado em relação ao índio, embora estes já tivessem tido contato com outros brancos, sobretudo com ingleses<sup>6</sup> da Guiana, inclusive alguns até falavam o inglês.

Por outro lado, é demonstrado, no diário, que há um respeito dos indígenas em relação a Theodor Koch-Grünberg e deste com os indígenas, especialmente em relação aos povos Taurepáng

Quando volto do banho, meus amigos, os Taulipáng, já acenam de longe para mim e me chamam para o lanche da tarde. [...]. Lá sou sempre um convidado bem-vindo. [...]. Como é costume aqui, troquei de nome com seu pequeno chefe, que fuma tanto do meu tabaco. Agora ele se chama “Teodoro”, eu sou chamado de “Yualí”. Aonde quer que eu vá as pessoas me chamam por meu novo nome e sentem um prazer infantil com isso. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 63).

A expedição ao Monte Roraima possibilitou que o viajante conhecesse a cultura de vários povos daquela região<sup>7</sup>, inclusive foi o primeiro viajante a registrar práticas xamânicas no lugar e diz acreditar nesses rituais mágico-religiosos feitos pelos povos indígenas: “considero esse rito de cura, esse chocalhar, soprar e cantar monótono, que duram horas, muito apropriado para fazer um doente transpirar, especialmente para acalmar e adormecer aos poucos um doente com febre, contribuindo assim para sua cura” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.251). Nas

<sup>6</sup> Muitos indígenas se referiam ao pesquisador alemão como inglês pelo fato de ser comum a presença destes na região do Monte Roraima.

<sup>7</sup> De acordo com as anotações em seu diário, quando chegava a uma aldeia diferente o pesquisador era apresentado pelo chefe aos demais indígenas, este falava quem era o viajante e o que ele queria com eles, também falava da experiência do viajante com os índios.

expedições, sempre levava com ele uma comitiva que carregava suas malas, servia de guia e lhe contava as histórias indígenas. Os índios Manduca e Hermina eram pagos pelo pesquisador para carregar seus equipamentos de pesquisa e suas malas de viagem<sup>8</sup>. Akúli (índio Arecuná) e Mayuluaípu, também conhecido por José, (índio Taurepáng) eram os informantes indígenas que narravam as histórias de suas tribos. Makunaima foi apresentado a Theodor Koch-Grünberg “em diferentes versões dadas pelos dois índios, compondo um retrato multifacetado do famoso personagem, tal como duas vozes divergentes ou complementares são capazes de oferecer” (MEDEIROS, 2002, p. 16), porém, o pesquisador escreveu todas as versões que lhe foram narradas, totalizando 50 narrativas, as quais estão presentes no segundo volume da obra **Vom Roroima zum Orinoco**. Segundo Theodor Koch-Grünberg, nem sempre os indígenas estavam dispostos a seguir com a expedição, mas por meio de ameaças feitas pelo próprio pesquisador, conforme anotado no diário: “se me criarem problemas para o resto da viagem, vou empilhar minha bagagem e queimá-la, pego uma canoa e subo o Merewari até Angostura. Lá vivem muitos patrícios meus, vocês podem imaginar o que, então, vai lhes acontecer!” (KOCH-GRUNBERG, 2006 p.256), eram obrigados a seguir viagem.

Em seu diário de viagem Theodor Koch-Grünberg qualifica os indígenas em diferentes graus de progresso dependendo da tribo que visita. Ao referir-se aos Taurepáng, faz a seguinte observação: “vê-se que aqui moram pessoas decentes” (KOCH-GRUNBERG, 2006 p.160), mas ao chegar ao povoado dos Suhínya se recusa a abrigar-se na cabana junto com eles alegando que são “sujos” e suas cabanas são “imundas”.

Deixando de lado todo preconceito e ar de superioridade, que são visíveis em seus escritos, o viajante alemão relata que fez muitos amigos verdadeiros, pessoas que valem à pena serem lembradas e, apesar das diferenças, nunca iria esquecer-se de seus amigos índios que lhe permitiram conhecer: “[...] um material interessante e valioso” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p. 148) sobre sua cultura.

Finalmente, depois de aproximadamente três anos de expedição, no dia 14 de março de 1913 chega Theodor Koch-Grünberg e sua tripulação ao Rio Branco, todos

---

<sup>8</sup> Muitos indígenas que habitam a região Circun-Roraima fazem este tipo de trabalho até hoje, pois é o principal meio de ocupação

são recebidos com festa pela colônia alemã que não acreditava mais na volta deles, uma vez que já haviam sido dados como mortos. O viajante alemão regressa à sua terra com informações valiosíssimas escritas sobre os povos da região Circum-Roraima em seu diário, que mais tarde foram expostas na Alemanha, sobretudo com sua publicação no ano de 1917 em Berlim, pela casa editorial Dietrich Reimer.

Após a publicação dos resultados de sua pesquisa, Theodor Koch-Grünberg viajou pela Alemanha fazendo palestras a respeito do seu trabalho com os indígenas da Amazônia, sendo que as apresentações eram remuneradas, conforme trecho: “Theodor Koch-Grünberg organizou cerca de 100 imagens para uma palestra de uma hora e trinta minutos em Stuttgart [...] e ganhou 200 marcos” (KRAUS, 2004, p.65). Havia um interesse do público alemão em ouvir as histórias do viajante, ou seja, em conhecer o outro, o nativo, o exótico, o diferente, inclusive, as palestras também eram direcionadas às crianças, conforme convite abaixo retirado do livro de Michael Kraus (2004).

*Völk-  
Hochschule  
Reuß*

# Kinder-Vortrag mit Lichtbildern

des Prof. Dr. Th. Koch-Grünberg aus Stuttgart  
am Montag, dem 24. März 1924, nach-  
mittags 4 Uhr im großen Saale  
der Tonhalle:

## „Kinderleben bei den Indianern“

Der berühmte Forscher hat fast zehn Jahre lang  
mitten unter wilden Indianern gelebt und die Urwälder Südamerikas  
kreuz und quer durchstreift. Er kennt die Indianer wie kein anderer  
Weißer. Daß er bei seinen Forschungsfahrten auch das Kinderleben  
der viel verkannten, gefürchteten und geschmähten Rasse gründlich  
kennen gelernt hat, ist selbstverständlich. Er weiß ebenso lehrreich  
wie fesselnd darüber zu erzählen. Alle seine Lichtbilder sind  
eigene Aufnahmen.

**Eltern, schickt eure Kinder in diese  
Veranstaltung!**

**Kinder unter 8 Jahren haben keinen Zutritt!  
Eintrittspreis 20 Pf. auf allen Plätzen.**

LEIPZIGER BUCHDRUCKEREI A. G. (ABT. GERÄT)

Abb. 14: Zeitungsausschnitt (hier vergrößert). Einladung Kindervortrag (VK Mr)

A primeira tradução brasileira do diário de Theodor Koch-Grünberg foi feita no ano de 1960, por Renata Mautner, a pedido da pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez para seus estudos. Somente no ano de 2006 os demais pesquisadores tiveram acesso ao diário publicado em português, o qual foi traduzido por Cristina Alberts-Franco. Além destas, em uma nota no diário de Theodor Koch-Grünberg traduzida no Brasil, Cristina Alberts-Franco observa que existe outra tradução do diário que foi feita em espanhol e publicada na Venezuela em 1979.

### 1.3- As narrativas em torno de Makunaima

Antes de falarmos sobre as narrativas que envolvem Makunaima, achamos interessante falar a respeito de um fato curioso que foi descoberto no ano de 1908 pelo pesquisador Richard Pietschmann e que é abordado por Mary Louise Pratt (1999). A autora refere-se à descoberta de um manuscrito, com cerca de mil e duzentas páginas, datado do ano de 1613, escrito pelo índio Felipe Guaman Poma Ayala e endereçado ao rei Felipe III da Espanha. Neste manuscrito, o indígena oferece uma “nova visão do mundo” (PRATT, 1999, p.25), pois dá uma nova versão sobre a história dos povos Antis<sup>9</sup> que eram representados na história como rebeldes, bárbaros, não civilizados e até mesmo canibais, ao passo que Felipe Guaman Poma Ayala os descreve como índios muito simples. Lembramo-nos desse fato para justificar que a visão do nativo, em relação à sua cultura, sempre será diferente da visão que o outro, isto é, o branco, tem da cultura indígena. Assim, o que vamos falar acerca das narrativas em torno de Makunaima é baseado, sobretudo, no que os brancos dizem a seu respeito, embora, vez ou outra, façamos uso do discurso de alguns indígenas.

As narrativas relacionadas a Makunaima são as mais respeitadas entre os povos nativos da América do Sul, e tornaram-se mais conhecidas através da obra **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter**, do escritor modernista Mário de Andrade, quando este se apropriou, por meio de um processo antropofágico, das histórias coletadas pelo viajante alemão Theodor Koch-Grünberg e criou o seu livro. Além de Theodor Koch-Grünberg, outros pesquisadores também coletaram as

---

<sup>9</sup> Denominação dada a uma grande variedade de grupos étnicos que viviam na Amazônia imperial.

narrativas orais que envolvem Makunaima, entre estes estão Lino Figueroa, Cesareo Armellada, Richard Schomburgk, Aldrey Colson e Alcuíno Meyes. Por se tratarem de histórias orais, é evidente que as narrativas relacionadas a Makunaima apresentam variações<sup>10</sup> que vão depender de cada narrador e da comunidade onde este está inserido mas, no geral, podemos dizer que Makunaima, em grande parte das histórias que o tem como personagem, é um herói cultural dos índios Taurepáng (chamados de Taulipangue por Theodor Koch-Grünberg), Arekuná, Makuxi, Wapichana e Ingariko. Para a maioria desses povos, Makunaima apresenta-se como um ser factual, pois o consideram como um representante de Deus na terra que se caracteriza como sendo um herói tribal ou um semideus, conforme relatado por Koch-Grünberg: “Makunaima é, como todos os heróis tribais, o grande transformador. Transforma pessoas e animais em pedras [...]. Ele fez [...] todos os animais de caça, bem como os peixes. Após o incêndio universal que destrói a humanidade, cria novos homens” (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p.34). Não obstante, ainda tem o poder de se metamorfosear, transformando-se em adulto- em algumas narrativas, quando quer ter relações sexuais com a mulher de seu irmão- ou em animais e plantas.

Makunaima está presente em 12<sup>11</sup> das 50 narrativas coletadas por Koch-Grünberg. Conforme o sumário de **Mythen und legenden der taulipang- und arekuna-indianer** abaixo

---

<sup>10</sup> Não vamos nos deter em mostrar as variações de Makunaima coletadas por cada um dos pesquisadores porque este não é o foco da pesquisa.

<sup>11</sup> “A árvore do mundo e a grande enchente”; existem duas versões desta narrativa no livro, uma narrada por Mayuluaipu e outra por Akuli; “incêndio universal”; “Feitos de Makunaima”; “Outros feitos de Makunaima”; “façanhas de Makunaima”; “Como a arraia e a cobra venenosa vieram ao mundo”; “Makunaima e o rapaz da árvore samaúma”; “Makunaima no laço de Piaimã”; “Makunaima e Piaimã”; “Morte e ressurreição de Makunaima”; “Makunaima e Wainesá – Pódole”.

---

 INHALT.

	Seite
VERZEICHNIS DER ABBILDUNGEN	IX
LITERATUR	IX
LAUTLEHRE	1
BEMERKUNGEN	2
EINFÜHRUNG.	3
MYTHEN UND LEGENDEN	31
1. Der Weltbaum und die große Flut	33
2. Der Weltbaum und die große Flut	36
3. Sinbrand	38
4. Taten des Makunaima .	39
5. Weitere Taten des Makunaima .	40
6. Streiche des Makunaima	42
7. Wie der Stachelrochen und die Giftschlange in die Welt kamen .	45
8. Makunaima und der Jüngling des Samauma-Baumes	46
9. Makunaima in der Schlinge des Piaï'ma	47
10. Makunaima und Piaï'ma .	48
11. Makunaimas Tod und Wiederbelebung	48
12. Makunaima und Waimesa-podole	50
13. Akalapizeima und die Sonne	51
14. Wie der Mond zum Himmel kam	53
15. Wie der Mond zu seinem schmutzigen Gesicht kam	54
16. Der Mond und seine beiden Frauen.	55
17. Sonnenfinsternis und Mondfinsternis.	55
18. Žilizoibu wird Tamekan (Plejaden)	55
19a. Žilizoibu tötet seine Schwiegermutter	60
19b. Wayulale rächt den Tod ihrer Mutter	61
20. Mauai-podole, E'moron-podole, Paui-podole	61
21. Wie die Zauberärzte, der Tabak und andere Zaubermittel in die Welt kamen	63
22. Wie die Fischgifte Aza und Ineg in die Welt kamen	68
23. Wie die Menschen das Feuer erhielten.	76
24. Wie die Menschen die Hängematte erhielten.	76
25. Pu'yito. Wie Tiere und Menschen ihren After bekamen .	77
26. Piaï'mas Tod	78
27. Der Besuch im Himmel .	81
28. Eteto. Wie Kasana-podole, der Königsgeier, seinen zweiten Kopf erhielt.	92

VIII	<i>Inhalt</i>
	Seite
29. Wewe und seine Schwäger	98
30. Wie die Arara in die Welt kamen	104
31. Aukemaibo und seine Kinder	107
32. Pelauenapen und ihre Kinder.	108
33. Variante der vorhergehenden Sage	110
34. Wazamaime, der Vater der Fische	112
35. Wie der Tanzgesang Sapala-lemu entstand	117
36. Mezime und Emzimaipu	119
37. Wie der Tanz Kukuyikog entstand	120
38. Wie der Tanz Urayukurukog entstand	122
39. Wie der Tanz Murua entstand	123
40. Die Amazonen	124
41. Mai'uag und Korotoiko	124
42. Jaguar und Blitzstrahl	128
43. Jaguar und Feuer.	129
44. Jaguar und Regen	130
45. Die Blitze und die Carapanas	131
46. Das Augenspiel	132
47. Mutum und Jacami.	134
48. Tierfabeln:	
a. Affe und Schildkröte	134
b. Schildkröte, Tapir und Jaguar	135
c. Schildkröte und Savannenhirsch	139
49. Kone'wo	140
50. Kalawunseg, der Lügner	149
TEXTE.	153
A. Kone'wo	155
B. Jaguar und Regen	193
C. Jaguar und Blitzstrahl	196
D. Jaguar und Feuer.	200
E. Das Augenspiel.	204
F. Mutum und Jacami.	211
G. Makunaima in der Schlinge des Piai'ma	213
H. Makunaimas Tod und Wiederbelebung.	215
I. Piai'mas Tod	222
K. Akalapizeima und die Sonne	230
L. Žilikawai.	238

Embora haja muitas histórias acerca de Makunaima, pelo que foi informado ao etnólogo, ele nunca foi visto pelos indígenas. De acordo com estes, Makunaima foi

para o outro lado do Monte Roraima, para a “terra dos ingleses”<sup>12</sup>. Apesar de ser definido como herói tribal, Makunaima não é um ser totalmente bondoso, uma vez que em alguns momentos prejudica o outro para favorecer a si próprio ou para afirmar o seu desejo de poder, conforme trecho da narrativa “Feitos de Makunaima”: um homem tinha lhe roubado um pedaço de urucum “Makunaima seguiu - lhe os passos, capturou e cortou sua cabeça, seus braços e suas pernas, transformando tudo em pedras [...]” (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p.65). Na narrativa “Outros feitos de Makunaima”, contada por Akúli, após todos os rios secarem e os peixes ficarem em pequenos riachos ou lagos, Makunaima transforma-se em peixe para roubar o anzol de um homem que está pescando. Em algumas narrativas os atos de Makunaima parece que são impensáveis, uma vez que ele talvez não tenha noção das consequências negativas que podem ocorrer. Citamos um exemplo: ao derrubar a árvore Wazaká<sup>13</sup> – árvore que dá todos os frutos – acontece uma grande enchente e depois um incêndio que destrói todos os seres vivos, Makunaima, tentando reverter o que aconteceu, cria novos homens, porém eles derretem já que foram feitos de cera, em seguida cria homens de barro que ao serem expostos ao sol adquirem vida.

De acordo com o pesquisador Mircea Eliade (1962) são comuns em quase todas as sociedades, com exceção de uma grande parte da África, os mitos que envolvem tragédias ambientais, como enchentes e incêndios. Estes são denominados de cataclismos. Com base nestas narrativas, os acontecimentos que envolvem os cataclismos destroem quase todos os seres vivos, deixando apenas um casal ou poucos sobreviventes. Um dos cataclismos mais comum é o do dilúvio. Portanto, a grande enchente, que é provocada por um ato, talvez impensado, de Makunaima, não está presente somente nas sociedades indígenas ou cristãs<sup>14</sup>,

---

<sup>12</sup> Forma como os indígenas se referem à Guiana.

<sup>13</sup> Em outra versão da narrativa a qual é narrada por Mayuluaípu a árvore é derrubada por Maanápe, irmão mais velho de Makunaima.

<sup>14</sup> Na introdução de Mitos e Lendas dos índios Taulipangue a Arekuná, Theodor Koch-Grünberg observa que, de fato, a narrativa “A árvore da vida e a grande enchente” encontra-se impregnada de ideias cristãs que foram inseridas através do trabalho dos missionários ingleses na região. O autor também observa que, além das narrativas, as canções do “Areruya” (aleluia) também sofreram grande influência do cristianismo, de modo que atualmente, conforme o documentário “Nas trilhas de Makunaima”, a religião de alguns indígenas do Circum-Roraima chama-se aleluia.

embora a Arca de Noé - que é contada no livro de Gênesis<sup>15</sup> na bíblia sagrada - seja a história mais conhecida a respeito do dilúvio na civilização ocidental. “De fato, os homens de todas as épocas parecem guardar na memória uma experiência do fim do mundo em que as águas maternas, aquelas que dão a vida, parecem igualmente capazes de causar a morte” (SCHWARZ, 2009 não paginado).

Mesmo fugindo aos padrões dos heróis tradicionais, como verificamos em muitas narrativas que envolvem Makunaima, é possível afirmar que na memória coletiva dos indígenas da região Circun-Roraima, o que predomina em relação às aventuras de Makunaima e que está presente nas narrativas que o tem como personagem, é o poder de petrificação por meio de suas forças ocultas. Tem-se como exemplo as narrativas “Feitos de Makunaima” e “Outros Feitos de Makunaima” as quais relatam que no outro lado do Roraima, onde Makunaima deve está, ele transformou homens, mulheres, animais e objetos em pedras. Conforme o índio João Sales, participante do documentário “Nas Trilhas de Makunaima”, Makunaima transformava os animais em pedras como forma de evitar a fome no mundo pois, segundo o indígena, quando faltasse comida era só cantar para a pedra que ela tornava-se animal novamente<sup>16</sup>. O poder de petrificação não é comum somente em narrativas indígenas, na mitologia grega, por exemplo, transformar seres em pedras era uma forma de punição dada pelos deuses do Olimpo para aqueles que fossem desobedientes ou atrevidos.

---

<sup>15</sup> “12 E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra. 13 Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra. 14 Faze para ti uma arca da madeira de gofer; farás compartimentos na arca e a betumarás por dentro e por fora com betume. 15 E desta maneira a farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinquenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura. 16 Farás na arca uma janela, e de um côvado a acabarás em cima; e a porta da arca porás ao seu lado; far-lhe-ás andares, baixo, segundo e terceiro. 17 Porque eis que eu trago um dilúvio de águas sobre a terra, para desfazer toda a carne em que há espírito de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra expirará. 18 Mas contigo estabelecerei a minha aliança; e entrarás na arca, tu e os teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. 19 E de tudo o que vive, de toda a carne, dois de cada espécie, farás entrar na arca, para os conservar vivos contigo; macho e fêmea serão. 20 Das aves conforme a sua espécie, e dos animais conforme a sua espécie, de todo o réptil da terra conforme a sua espécie, dois de cada espécie virão a ti, para os conservar em vida. 21 E leva contigo de toda a comida que se come e ajunta-a para ti; e te será para mantimento, a ti e a eles. 22 Assim fez Noé; conforme a tudo o que Deus lhe mandou, assim o fez.” (GÊNESIS 2011, p.14)

<sup>16</sup> Em **Vom Roroima Zum Orinoco** não há nenhuma explicação a respeito desse fato.

Quanto ao fato de Makunaima ser ao mesmo tempo bom ou ruim, embora de acordo com Koch-Grünberg seu nome signifique “o grande mau”, na versão de **Vom Roroima zum Orinoco**, Theodor Koch-Grünberg prefere utilizar o termo *verschlagener* (tortuoso) para se referir a Makunaim. Contudo faz uma nota de rodapé explicando que Mayulaíupu usa o termo “safado” ao fazer referência ao semideus. Com uma ideia contemporânea, a pesquisadora Lúcia Sá o intitula como sendo um *trickster*

A criatividade de Makunaima, sua irredutibilidade a categorias como bom ou mau, e o seu status como herói cultural dos Pemon permitem-nos defini-lo como um *trickster*, termo originalmente criado para se referir à literatura indígena da América do Norte, mas hoje em dia aplicado a heróis de todo o mundo (SÁ in MEDEIROS, 2002, p.251).

Embora haja ausência de traços que definam a identidade de Makunaima, observamos que nas histórias presentes em **Vom Roroima zum Orinoco**, dependendo da narrativa, Makunaima pode se caracterizar como um herói ou um vilão. Quando mostra sua audácia ao se aproximar do pai da lagartixa, mesmo sabendo que este prende todos aqueles que dele se aproxima e que provavelmente o semideus seria a sua próxima vítima, Makunaima assume traços heroicos, por outro lado, ao derrubar a árvore da vida, que tem como consequência uma grande enchente, torna-se um vilão.

Todas essas características que elencamos a respeito de Makunaima foram retiradas das doze narrativas que estão presentes no livro **Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná** e que diretamente fazem referência a ele. Assim, o perfil do semideus indígena é montado a partir da união das informações presentes nessas histórias coletadas por Theodor Koch-Grünberg.

Sérgio Medeiros em seu ensaio “A mitologia do viajante solitário” chama atenção para o fato de Theodor Koch-Grünberg, em um texto introdutório de **Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**, dedicar-se a fazer uma classificação das narrativas que recolheu, fazendo uso dos conceitos de mito, conto, lenda e fábula. Contudo, como é observado por Medeiros (2002), há pouca eficácia nesses conceitos, pois o próprio Theodor Koch-Grünberg se confunde com eles “(o mito é um conto que é uma lenda que é um mito que é um conto, etc.)” (MEDEIROS, 2002,

p.18). Fato este que também observamos no próprio título do livro **Mythen und legenden der taulipang- und arekuna-indianer**, onde as narrativas orais indígenas eram tratadas como mitos e lendas ao mesmo tempo. Observamos que Koch-Grünberg intitulou seu livro seguindo os modelos da época, uma vez que era muito comum os pesquisadores usarem os termos mitos e lendas em seus livros, conforme exemplos: **Die mythen und Legenden der südameri-kanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Normamerikas und der alten Welt** de Paul Ehrenreich e **Legends and Myths** de W. H. Brett, pois não tinham uma definição exata do que poderia ser denominado como mito ou como lenda nas narrativas ameríndias. Vale lembrar que, ainda hoje, essas denominações vêm sendo estudadas e ainda confundem-se entre si, pois há uma dificuldade de denominação. Assim, conforme Medeiros (2002) “atualmente, o estudo dos gêneros narrativos indígenas ainda não solucionou os impasses e as dificuldades que cercam a transposição para a realidade oral ameríndia de conceitos eminentemente livrescos” (MEDEIROS, 2002, p.19). Pelo fato de Makunaima não ter sido denominado nem por mito e nem por lenda por Theodor Koch-Grünberg, neste trabalho, preferimos utilizar a denominação, narrativas em torno de Makunaima, para nos referirmos a ele, mesmo que, mais adiante, façamos alguns comentários em relação ao termo mito, pelo motivo de algumas vezes Makunaima ser denominado como tal.

## **CAPÍTULO 2**

### **MÁRIO DE ANDRADE NA AMAZÔNIA**

## 2.1- O escritor e o folclorista

Mário Raul de Moraes Andrade era filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luísa Leite de Moraes Andrade; nasceu em São Paulo, no dia 9 de outubro de 1893 e morreu de ataque cardíaco aos cinquenta e um anos de idade, em sua cidade natal no dia 25 de fevereiro de 1945.

Desde muito jovem, o autor se inseriu no mundo artístico, em especial no literário, tendo iniciado sua carreira como crítico de arte em jornais e revistas. A partir de 1922, tornou-se professor de história da música, foi professor de estética da Universidade do Distrito Federal no Rio de Janeiro, foi diretor do Departamento de Cultura da prefeitura da cidade de São Paulo e funcionário do serviço do patrimônio histórico do Ministério da educação, além de ser um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, bem como o poeta de maior importância do Modernismo brasileiro.

Além do interesse pela literatura, Mário de Andrade tinha grande empenho pela música e pelo folclore, muito embora o autor faça questão de dizer que não é folclorista

Já afirmei que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem. Me interessa pela ciência porém não tenho capacidade pra ser cientista. Minha intenção é fornecer documentação para a música e não, passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lagarto. . (ANDRADE, 1976, p. 232).

Ainda que não aceite ser denominado de folclorista, o tema do folclore foi de grande importância para a ideia de nacionalização proposta por Mário de Andrade para a arte brasileira, sobretudo para a literatura entrar, de fato, na modernidade, uma vez que, com o intuito de fazer valer os objetivos do modernismo brasileiro, ao deixar de imitar os valores estrangeiros e buscar uma arte totalmente voltada à nossa realidade, retratando os quatro cantos do Brasil, o autor de **Macunaíma** decide entrar mata adentro e coletar o que mais há de representativo no país, que é o folclore: “só o Brasil é que me interessa agora; meti a cara na mata virgem” (ANDRADE, 2001, p.400). Para Mário de Andrade, através dos estudos sobre o folclore, poderá haver a união entre o erudito e o popular, contribuindo, desta forma, para criar uma arte moderna nacional em favor de uma arte desregionalizada. Nesse sentido, a partir da realidade experimentada e/ou observada, valendo-se do folclore,

Mário de Andrade escreve a versão de **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter** que foi feita após a sua viagem ao norte do país.

## 2.2- A viagem ao norte do Brasil

Mário de Andrade não escondia o seu forte desejo de conhecer o Brasil, sobretudo as regiões norte e nordeste<sup>17</sup>, como, de fato, verificamos em uma de suas correspondências com Câmara Cascudo datada do dia 26 de junho de 1925

“Meu Deus! Tem momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal de Brasil agora. Até que enfim sinto que é dele que me alimento! Ah, se eu pudesse [...] já faz muito que eu tinha ido por essas bandas do norte visitar vocês e o norte. Por enquanto é uma pressa tal de sentimentos em mim que não separo e nem seleciono. Queria ver tudo, coisas e homens bons e ruins, excepcionais e vulgares. Queria ver, sentir, cheirar. Amar já amo. [...] este Brasil monstruoso tão esfacelado, tão diferente, sem nada nem sequer uma língua que ligue tudo, como é que a gente pode ser íntegro, caracterizado, realisticamente? Fisicamente? Enquanto me penso brasileiro [...] e trabalho e amo que nem brasileiro, me apalpo e parece que sou maneta, sem um poder de pedaços de mim, que eu não posso sentir embora meus, que estão no mistério, que estão na idealização, posso dizer até que estão na saudade!...” (MORAES, org., 2010, p. 47).

O desejo de conhecer o Brasil era movido pela necessidade de Mário de Andrade se sentir um brasileiro por completo e, ao mesmo tempo, buscar essa brasilidade por meio dos elementos que caracterizam o país. E assim, inicia a expedição do autor<sup>18</sup>, movida por um grande desejo de descoberta e ao mesmo tempo tomada por um sentimento de inadaptação, desajuste e arrependimento

Não fui feito para viajar, bolas! Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombroso, cor de incesto. Entro na cabina, agora é tarde, já parti, nem posso me arrepender. Um vazio compacto dentro de mim. Sento em mim (ANDRADE, p. 2002, 51).

Com o objetivo de “olhar para dentro” do Brasil e empenhado em entender a realidade brasileira, Mário de Andrade fez várias viagens pelo país<sup>19</sup>, dentre elas

<sup>17</sup> Embora ele se referisse às duas regiões como sendo somente norte.

<sup>18</sup> Mas a que nos interesse, neste momento, é a viagem ao norte, pois contribuiu para a redação final de **Macunaíma**.

<sup>19</sup> Passando por Minas Gerais e pelo nordeste do país, visitando Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

uma expedição ao norte<sup>20</sup> do Brasil<sup>21</sup>, nos estados do Amazonas, Pará e Rondônia, até chegar a Iquitos, no Peru, e na fronteira com a Bolívia: “éramos um grupo de amigos paulistas, curiosos em conhecer outros brasis, viajando cada um por conta própria, pela vaidade ou ventura de conhecer coisas” (ANDRADE, 2002, p. 150). O grupo de viajantes ficou reduzido a Mário de Andrade, D. Olívia Guedes Penteadó, uma das grandes patrocinadoras do Modernismo, sua sobrinha Margarida Guedes Nogueira e Dulce Amaral Pinto, filha de Tarsila do Amaral. A viagem foi denominada por Mário de Andrade de “O turista aprendiz: Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia por Marajó até dizer chega”<sup>22</sup>, e foi realizada no período de 7 de maio a 15 de agosto de 1927

[...] é um passeio sem heroísmo o que fazemos. Estão decididas duas viagens: Amazonas acima até Iquitos e Madeira acima até Guajará-Mirim. Provavelmente daremos um pulo à Bolívia e, tempo sobrando, subiremos o Rio Negro e, na volta, visitaremos Marajó. (ANDRADE, 1983, p.55).

Ao referir-se à sua estadia no norte, em carta endereçada a Manuel Bandeira, Mário de Andrade observa

[...] por aqui vou bancando o jornalista célebre. Fazem tudo por nos agradar é lógico que por causa de dona Olívia e eu passo por homem ilustre e uma grande inteligência aí do sul. Só vendo quanta amabilidade e quanta coisa preparada só pra gente. Navegamos no mel. (ANDRADE, 2001, p. 119)

Por outro lado, Mário de Andrade e suas companheiras, tinham um acúmulo de compromissos políticos<sup>23</sup>: visitas a locais públicos, jornais, discursos,

<sup>20</sup> A convite de Olívia Guedes Penteadó como declara Mário de Andrade em carta do dia 5 de abril de 1927 à Câmara Cascudo: “a organizadora da viagem é muito amiga minha e tem insistido por demais pra que eu vá. Creio que não resisto mais” (MORAES, org.,2010, p. 126).

<sup>21</sup> Embora, algumas vezes, tenha hesitado em não ir, conforme escreve o autor em carta destinada a seu amigo Manuel Bandeira: “Si ficar aí por uns quatro contos, vou, si ficar pra cima de cinco, não vou” (ANDRADE, 2001, p.117).

<sup>22</sup> É uma paródia ao título do livro de seu avô Leite de Moraes intitulado **Apontamentos de viagem. De São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins, e do Pará à Corte.**

<sup>23</sup> Principalmente pelo fato de Mário de Andrade estar em companhia da “rainha do café”, Olívia Guedes penteadó.

confraternizações entre outros, fato que não agradava muito o autor, conforme carta a Manuel Bandeira: Si não fosse a cacetada dos protocolos oficiais [...]” (ANDRADE, 2001, p. 119)

Durante a viagem, Mário anotava diariamente suas impressões, algumas vezes usava um tom poético para descrever os lugares, conforme verificamos na descrição do cenário da cidade de Belém

Mas quando Belém principia diminuindo a vista larga a boniteza surge outra vez. Chegamos lá antes da chuva e o calor era tanto que vinha dos mercados um cheiro de carne-seca. Os barcos veleiros sentados no cais do Ver-o-Peso sacudiam as velas roseadas azuis negras se abanando com lerteza (ANDRADE, 2002, p.58)

“nestes ‘apontamentos de viagem’ [...] às vezes eu paro hesitando em contar certas coisas, com medo que não me acreditem” (ANDRADE, 2002, p.70). Mário de Andrade dizia que era necessária a presença das companheiras de expedição para comprovarem a veracidade de seus escritos. Por outro lado, em alguns momentos, o autor de **Macunaíma** dizia que as palavras eram poucas para descrever o que ele estava vivenciando: “25 de maio — Maravilhoso passeio ao Caripí, que adianta dizer ‘maravilhoso’! não dá a entender o que foi, não posso descrever” (ANDRADE, 2007 p. 68).

Algumas impressões do autor de **Macunaíma** eram colocadas em um diário, as quais para ele: “são sínteses absurdas, apenas pra uso pessoal, jogadas num anuáriozinho de bolso, me dado no Loide Brasileiro, que só tem cinco linhas pra cada dia” (ANDRADE, 2002, p. 64), outras anotações, que ele chamava de “literatices”, eram “jogadas noutro caderninho em branco, em papéis de cartas, costas de contas, margens de jornais, qualquer coisa serve. Jogadas. Sem o menor cuidado. Veremos o que se pode fazer disso em São Paulo” (ANDRADE, 2002, p. 64).

Ao retornar a São Paulo, em uma entrevista concedida ao Diário Nacional sobre a sua viagem, o autor diz o que pretendia fazer com suas anotações

Lá não trabalhei. Limitei-me a riscar algumas notas que, mais tarde, tomarão corpo num livro de viagens: O Turista Aprendiz e que, talvez sirvam para uma série de artigos sobre a Amazônia, seus produtos, folclore, possibilidades e belezas. A Amazônia é um encanto (ANDRADE, 1983, 28).

Mário de Andrade não conseguiu publicar o seu livro, de modo que **O Turista Aprendiz**<sup>24</sup> foi organizado e publicado postumamente por Telê Porto Ancona Lopez. Quanto às “literatices”, podemos dizer que elas foram de grande importância para a redação final de **Macunaíma**, uma vez que Mário aproveitou-se de várias informações coletadas no norte e deu um ponto final em seu livro. Dentre as quais podemos destacar:

- 1- As características dadas à lara: Mário de Andrade escreve em seu diário que em uma madrugada de julho de 1927, encontrou esta anotação em meio às demais

A lara: consegui avistar a lara. Surgiu de sopetão das águas, luminosa, meio corpo fora tomando bem cuidado em não mostrar pra mim a parte peixe do corpo. É realmente muito bonita [...]. Tem o perfil um pouco duro, cabelo preto e bem aparadinho. O carmim da boca é nitidamente recortado. O canto dela é efetivamente mavioso, num ritmo balanceado mas sem síncopas”( ANDRADE 2002, p. 128).

Em **Macunaíma** a descrição da lara é bem semelhante

E a Uiara vinha chegando outra vez com muitas danças. Que boniteza que ela era!... Morena e coradinha que-nem a cara do dia e feito o dia que vive cercado de noite, ela enrolava a cara nos cabelos curtos negros como as asas da graúna. Tinha no perfil duro um narizinho tão mimoso que nem servia pra respirar. Porém como ela só se mostrava de frente e fastava sem virar Macunaíma não via o buraco no cangote por onde a pérfida respirava. (ANDRADE, 1984, p.130).

- 2- Objetos de tartaruga: “de manhã fui no Antônio do Rosário encomendar objetos de tartaruga [...]” (ANDRADE, 2002, p.67). Os objetos de tartaruga feitos por Antônio do Rosário<sup>25</sup> fazem parte dos acessórios de Macunaíma: “Tirou uma cigarreira de tartaruga feita por Antônio do Rosário no Pará” (ANDRADE, 1984, p.101).

- 3 - A Constelação Ursa Maior: “a constelação Ursa Maior [...] se vê de todo o nosso céu [...] eu enxerguei do Amazonas a São Paulo” (ANDRADE, 1988, p. 396). Mário de Andrade faz uso desta informação no último capítulo do livro onde seu herói é transformado na Constelação Ursa Maior conforme trecho: “[...] e virou Macunaíma

<sup>24</sup> O livro *O Turista aprendiz* é resultado das viagens etnográficas realizadas por Mário de Andrade nas regiões norte e nordeste do país. As informações coletadas no norte do Brasil foram inseridas na primeira parte do livro.

<sup>25</sup> Antônio do Rosário era um artesão de Belém.

[...] numa constelação nova. É a constelação da Ursa Maior” (ANDRADE, 1984, p.133).

4- As relações sexuais entre Macunaíma e Ci: “Ficaram engraçadas, não tem dúvida, porém já arrependi de escrever as três f... na rede. Estou convencido que exagerei. Devia ser mais discreto e não deformar exagerando daquele jeito as coisas que escutei da rapaziada do norte.” ( ANDRADE, 1988, p. 405). As “três f...” que Mário se refere são as três vezes, uma seguida da outra, que Macunaíma e Ci relacionam-se sexualmente.

5- A brincadeira popular “Quero que vá e venha e me traga isto” <sup>26</sup>: “Antiga Santa-Casa do Pará. Frei Caetano Brandão reunia os fieis de-noite e fazia a brincadeira do ‘Quero que vá e venha e me traga isto’. Dois tijolos por exemplo. Assim que a Santa-Casa se construiu” (ANDRADE, 2002, p. 69). Esta brincadeira, em **Macunaíma**, é feita pela onça Palauá no capítulo intitulado “Muiraquitã”: “Vão na praia do mar, meus verdes olhos, depressa depressa depressa! [...] Venham da praia do mar, meus verdes olhos, depressa depressa depressa!” (ANDRADE, 1984, p.101).

### 2.3- O livro **Macunaíma**

[...] em dezembro estive na fazenda dum tio e...e escrevi um romance. Romance ou coisa que o valha, nem sei como se pode chamar aquilo. Em todo caso chama-se *Macunaíma*. É um herói Taulipangue bastante cômico. Fiz com ele um livro que me parece não está ruim e sairá em janeiro ou adiante, do ano que vem (MORAES, org., 2010, p.123).

A primeira redação de **Macunaíma** foi feita em apenas seis dias, quando Mário de Andrade passava férias em Araraquara, interior de São Paulo, em dezembro do ano de 1926. No ano de 1927 foram feitos alguns retoques, supressões, correções e acréscimos e publicado em 1928.

Em carta destinada ao amigo Câmara Cascudo, Mário de Andrade diz que sua intenção, ao criar **Macunaíma**, era: “aproveitar o máximo possível lendas, tradições

<sup>26</sup> Também conhecida como “boca de forno” onde a pessoa que comanda a brincadeira dá uma obrigação para os demais brincantes realizar. Pode ser apanhar uma folha, dá boa noite à alguém, tomar a bênção, etc. Se o desejo não for realizado os brincantes levarão uma punição a qual será feita por meio de um bolo (tapinha) na mão.

costumes frases feitas etc. brasileiros. E tudo debaixo dum caráter sempre lendário [...]” (MORAES, org., 2010 p.123). E assim nasceu **Macunaíma**, com 17 capítulos: “Macunaíma”, “Maioridade”, “Ci, Mãe do Mato”, “Boiúna Luna”, “Piaimã”, “A francesa e o gigante”, “Macumba”, “Vei a Sol”, “Carta pras Icamiabas”, “Pauí-Pódole”, “A velha Ceiuci”, “Tequeteque, chupinzão e a injustiça dos homens”, “A piolhenta do Jiguê”, “Muiraquitã”, “A pacuera de Oibê”, “Uraricoera” e “Ursa Maior” que, juntos, formam uma única história, com uma sequência cronológica que inicia com o nascimento do herói de Mário de Andrade e termina com a sua morte. No entanto, se forem lidos de forma isolada, cada capítulo apresenta um sentido por si só.

Macunaíma é um índio pertencente à tribo dos Tapanhumas, que começa a falar somente aos seis anos de idade quando então exclama a frase: “ai que preguiça!” a qual repete continuamente. Ele tem dois irmãos: Maanape e Jiguê. Após a morte da mãe, Macunaíma juntamente com seus irmãos “partiram por esse mundo” (ANDRADE, 1984, p.18). Em meio à viagem, encontram as mulheres guerreiras, conhecidas por Icamiabas. O herói de Mário de Andrade apaixona-se por Ci, a rainha das Icamiabas e, com a ajuda dos irmãos, ele a tem nos braços; em seguida os dois se casam. Ao casar-se com a Rainha das Icamiabas, Macunaíma torna-se o imperador do mato virgem. Após seis meses de casado, os dois tem um filho, porém passando-se alguns dias de seu nascimento a criança morre. Ci ficou muito triste com a morte de seu filho e conseqüentemente também morre, mas antes de sua partida deixa uma Muiraquitã para seu amado que a perde. Após perder sua amada e seu amuleto da boa sorte, Macunaíma ainda continua imperador e vai, juntamente com seus irmãos, para São Paulo em busca da Muiraquitã. Chegando à cidade, passam por inúmeras aventuras, até Macunaíma reconquistar seu amuleto que se encontrava nas mãos do gigante Piaimã. Com a pedra em mãos, Macunaíma decide voltar a seu lugar de origem e deixa se encantar pela beleza da Uíara a qual o atrai até o fundo do rio, deixando o herói sem orelhas, sem a muiraquitã e com uma perna só. “O herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita formiga, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu” (ANDRADE, 1984, p.133).

## 2.4- Adaptação e composição

No prefácio inédito de **Macunaíma**, escrito logo após o término de sua primeira versão, Mário de Andrade expõe o motivo de ter escrito seu livro. O autor andava refletindo sobre a “entidade nacional” dos brasileiros que para ele, conseqüentemente, culminava na falta de caráter destes. Para Mário, a falta de caráter dos brasileiros estava relacionada à falta de “civilização própria”, uma vez que o brasileiro é resultado de uma miscigenação entre brancos, negros e indígenas que procederia em uma falta do caráter psicológico e, por sua vez, em uma falta de caráter moral: “d’ai nossa gatunagem sem esperteza [...] o desapareço à cultura verdadeira, o improviso, a falta de senso ético nas famílias” (ANDRADE, 1974, pp.87-88). “[...] quando matutava nessas coisas topei com Macunaíma no alemão de Koch-Grünberg. E Macunaíma é um herói surpreendentemente sem caráter. (Gozei) vivi de perto o ciclo das façanhas dele” (ANDRADE, 1974, p.88)

Resolvi escrever porque desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter, nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente [...] nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato ou por ele concordar o bastante com a época nossa, não sei...[...] (ANDRADE, 1988, p. 401).

Conforme observa a pesquisadora Maria Odileiz Sousa Cruz, em depoimento presente no documentário “Nas Trilhas de Makunaima”, além do livro de Koch-Grünberg, da viagem ao norte e da apropriação de narrativas coletadas por outros pesquisadores, Mário de Andrade recebeu muitas correspondências dos indígenas de Roraima que ajudaram na composição de seu livro. No entanto, não tivemos contatos com essas possíveis correspondências para darmos maiores esclarecimentos.

Ao ler o livro de Theodor Koch-Grünberg, efetivamente, Mário de Andrade transformou temas indígenas em temas nacionais, uma vez que o autor se inspirou, principalmente, nessas narrativas para compor seu livro. Para isso, o autor de **Macunaíma** fazia uso de algumas técnicas: havia “um esquema da obra nas notas marginais de Mário, no segundo volume da coletânea do pesquisador alemão” (LOPEZ, 1974, p.3). À medida que Mário de Andrade ia lendo, ia fazendo as devidas anotações em seu livro guia. Conforme Telê Porto Ancona Lopez, para compreender o método de trabalho usado pelo autor ao compor sua obra prima: “é preciso levar

em conta a Marginália ligando os elementos oferecidos por ela aos processos de composição que se observam nos originais e que foram confirmados pelo depoimento do próprio escritor” (LOPEZ, 1974, p.4), como, de fato, observamos no excerto abaixo

Enquanto lia uma obra, anotava as margens com intuitos vários. Com um traço à esquerda ou à direita, salientava trechos importantes a serem fixados no estudo do autor, dando quase sempre ao lado, em uma ou duas palavras, a indicação do assunto. (LOPEZ, 1974, p.4).

Além das anotações, Mário de Andrade também fazia uso de grifos e cruzes para marcar os trechos que lhe interessava

Cada livro, cada artigo seu, possuía um roteiro feito com auxílio de fichas bibliográficas de assunto que lhe proporcionava a organização rápida do material a ser pesquisado e as etapas do trabalho. Quando se lançava na redação propriamente dita, tinha em mãos tudo sobre o problema focalizado: as contribuições de terceiros e suas, notas marginais. (LOPEZ, 1974, p.4)

Na narrativa intitulada ('Alapizema und die sonne') 'Alapizema e a sol', que foi narrada pelo índio Arekuná, akuli<sup>27</sup>, o autor de **Macunaíma** faz uso de três cruces que ficam à margem do título e escreve em uma nota de rodapé 'aproveitar bem esta lenda para demonstrar bem a falta de caráter e o cinismo de Macunaíma' (ANDRADE apud LOPEZ, 1974, p.45). De fato, Mário de Andrade aproveita esse mito no capítulo "Vei, a sol"

Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Bahia. Mas porém você tem de ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhas por aí. Macunaíma agradeceu e prometeu que sim jurando pela memória da mãe dele. Nem bem Vei com as três filhas entraram no cerradão que Macunaíma ficou cheio de vontade de ir brincar com uma cunhã. [,,] e os dois vieram na jangada brincar<sup>28</sup>. (ANDRADE, p.54, 1984, grifo nosso).

<sup>27</sup> 'Deves casar com uma de minhas filhas, mas não cortejes outra mulher!' Wei parou numa maloca, desceu com as filhas e entrou em casa. Ordenou a Akalapijéima que não deixasse a canoa nem se apaixonasse por outra mulher. [...] quando voltaram para junto da canoa, encontraram akalapijéima gracejando no meio das filhas do urubu." (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p.78). Na narrativa de Mário o autor substituiu o nome akalapijéima por Macunaíma

<sup>28</sup> O termo "brincar" é usado por Mário de Andrade para referir-se ao ato sexual.

A referência à Europa, França e Bahia, talvez tenha sido de uma poesia infantil que faz parte do folclore brasileiro<sup>29</sup> de autoria não identificada.

É notório que ao se apropriar das narrativas recolhidas pelo etnólogo alemão, Mário de Andrade fez diversas mudanças, seja no nome ou até mesmo no conteúdo

O livro quase que não tem nenhum caráter inventado por mim, tudo são lendas que relato. Só uma descrição de macumba carioca, uma carta escrita por Macunaíma e uns dois ou três passos do livro são de invenção minha, o resto tudo são lendas relatadas tais como são ou adaptadas ao momento do livro com pequenos desvios de intenção [...] um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrigar e trabalhar o material brasileiro. (MORAES, org., 2010, p.123).

Em alguns episódios do seu livro, Mário uniu diferentes narrativas e criou outra inédita. Dentre elas podemos destacar: as narrativas relacionadas ao gigante Piaimã, as Amazonas, as Cobras e as do próprio Makunaima. Estas narrativas serão mais bem exploradas nas linhas abaixo<sup>30</sup>.

1- Piaimã: Nas narrativas referentes à morte do gigante Piaimã ('Piaimas tod') – 'a morte de piaimã' retratado por Mayuluaípu, Mário faz uso de grifos para marcar o trecho que lhe interessa 'então Piaimã disse: não faça isto, cunhado!' (KOCH-GRÜNBERG apud LOPEZ, 1974, p.59). Percebe-se que o trecho sublinhado foi substituído pela expressão "faz isso não patrício!" (ANDRADE, 1984, p.109) onde estava anotada na margem do livro de Koch-Grünberg. Essa modificação se "baseia na substituição de uma fórmula de tratamento tribal, corrente apenas entre os índios, 'cunhado', por uma de uso frequente por todo o povo brasileiro na época do escritor, 'patrício'. É reflexo das intenções nacionais do romance, é ironia" (LOPEZ, 1974 p.59). Em **Macunaíma** Mário faz alusão à lenda do curupira para caracterizar o gigante: "o regatão andava com os calcanhares pra frente" (ANDRADE, 1984, p. 33).

<sup>29</sup> O Rei mandou me chamar/prá casar com sua filha/Só de dote ele me dava/Europa, França e Bahia/Me lembrei do meu ranquinho/da roça, do meu feijão/O Rei mandou me chamar/Ó seu Rei, não quero não. Disponível em <http://peregrinacultural.wordpress.com/tag/canto-negro/> acessado em 20 de julho de 2013.

<sup>30</sup> Escolhemos algumas narrativas para fazer apenas uma demonstração, pois não nos interessa, neste momento, falarmos de todo o processo de composição do livro uma vez que esse estudo já foi feito por outros pesquisadores, dentre os quais estão Manuel Cavalcante Proença (1950) com sua obra **Roteiro de Macunaima**, Telê Porto Ancona Lopez (1988) com a edição crítica da obra e uma pequena parte por mim, em meu trabalho de conclusão de curso.

Todavia, em Koch-Grünberg, não há indícios de que seus pés sejam voltados para trás. Segundo Souza (1979), o fato de o gigante Piaimã ter os calcanhares para frente e por ser casado com a Caapora, dois traços atribuídos ao curupira, ou seja, à entidade mítica da floresta, faz com que o gigante seja considerado, eventualmente, como o curupira, assim, ele é um ser híbrido que possui traços de diferentes narrativas. Nas narrativas orais coletadas por Theodor Koch-Grünberg, existem várias versões para o fim de Piainã; em algumas ele é assassinado por Ma'nápe; em outras é derrotado por um homem não identificado; existe também a que ele cai em uma armadilha e é morto equivocadamente por sua própria esposa, entre outras. Mário, em seu livro, prefere que o gigante seja morto dentro de uma macarronada: "O gigante caiu na macarronada fervendo [...]. Este foi o fim de Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piainã comedor de gente" (ANDRADE, 1984, p.106). Uma das possíveis interpretações que podemos fazer a respeito do signo macarronada, usado por Mário de Andrade, é que o autor poderá tê-lo aproveitado como elemento factual para fazer referência à cultura italiana, uma vez que esse é um dos pratos típicos do país, ou até mesmo para fazer remissão à chegada dessas pessoas aqui no Brasil, as quais chegaram, principalmente, entre os anos de 1880 e 1930, com o intuito de substituir a mão-de-obra escrava nas lavouras cafeeira, visto que o tráfico de negros havia sido proibido pela lei Euzébio de Queirós. Quando os italianos vieram para o Brasil, muitos tinham a passagem paga pelo governo ou por cafeicultores. Logo, ao saírem da Itália, já possuíam uma dívida em terras brasileiras, e só poderiam retornar ao país de origem quando pagassem seus débitos; nesse caso, o Brasil funcionava como uma espécie de prisão para alguns italianos, onde o único meio de libertação seria pagar a dívida aos cafeicultores ou ao governo brasileiro. Deste modo, ou os italianos pagavam ou permaneciam aqui para sempre até morrerem, como, de fato, aconteceu com o gigante Piainã ao cair em uma panela de macarronada, sem poder sair, permanecendo no local até sua morte.

2- As Amazonas: Na obra de Theodor Koch-Grünberg elas são conhecidas por

Ulidjân, as mulheres] sem homens [...]. Quando um homem chega na sua maloca e pede licença para ali dormir, as mulheres permitem que ele durma

com elas. Depois elas deixam o homem voltar para casa. Se nasce um filho varão elas o matam. Só deixam viver as filhas. Não são casadas. Fazem todos os trabalhos masculinos [...]. (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p.148).

No livro **Macunaíma**, houve algumas mudanças em relação a essa narrativa indígena. Nele, as Amazonas pertencem a uma tribo de mulheres sozinhas e são conhecidas por Icamiabas: “[...] são sistematicamente virgens [...]” (ANDRADE, 2001, p. 122). Ao relacionar-se sexualmente com Ci, “Macunaíma vira imperador, porque ela era imperatriz” (ANDRADE, 2001, p.122). Ci tem um filho do sexo masculino e aceita normalmente, porém a criança acaba morrendo

Então chegou a cobra preta e tanto que chupou o único peito vivo de Cí que nem deixou nem apoio [...] o curumim sem ama chupou o peito da mãe no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu. Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e prós boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba [...] (ANDRADE, 1984, p. 22).

3- As Cobras: A presença das cobras é bem recorrente em **Macunaíma**, assim como nas narrativas orais coletadas pelo viajante alemão. Contudo, tanto em **Macunaíma** quanto nas narrativas indígenas, há uma confusão dessas histórias, fazendo com que o próprio leitor se confunda também. Em alguns contos, a cobra d’água é qualificada como a mãe d’água ou até mesmo como um arco-íris: “dentro do poço mora Keiemé, que é simultaneamente a cobra d’água e o arco-íris, ou talvez ora uma coisa ora outra, conforme surja com suas cores na queda d’água (arco-íris) ou desapareça na profundidade do poço (cobra), segundo uma suposição nossa” (MEDEIROS, 2002, p. 238). De acordo com as narrativas indígenas, as cobras: “são demônios que puxam as canoas para o fundo. [...] Puxam a gente para o fundo [...] apanham um homem jovem e bonito, ou uma menina linda para casar com membros de sua família”. (KOCH-GRÜNBERG, 2002, pp.131-132). Em **Macunaíma**, existe a presença no capítulo “Boiuna Luna” de uma cobra denominada Boiuna, a qual atende pelo nome de Capei e que depois de morta resolve subir ao céu transformando-se na cabeça da lua: “a Boiuna Capei que morava num covão em companhia das saúvas. [...] vinha na taba escolher uma cunha virgem que ia dormir com ela” (ANDRADE, 1984, p. 24). A existência de cobras nas narrativas indígenas coletada por Koch-Grünberg e nas narrativas da região norte, onde Mário fez sua

viagem, é frequente. Acredita-se que este deve ser um dos motivos pelos quais Mário fez uso de uma enorme variedade de cobras em sua obra, uma vez que o imaginário mítico brasileiro, em especial o amazônico, é marcado por apresentar uma multiplicidade de cobras em suas narrativas, sem contar que, desde os tempos de Adão e Eva, elas já se faziam presentes nas histórias.

4- Makunaima: “Makunaima saltou dessas páginas e hoje, transfigurado em Macunaíma, ganhou espaço na literatura, no teatro, no cinema. Mas poucos leram a versão original de suas aventuras, tal como a recolheu Koch-Grünberg [...]” (MEDEIROS, 2002, p.11). Mário de Andrade, em sua obra, usou o mesmo nome do personagem das narrativas indígenas presentes no livro de Koch-Grünberg, fez apenas uma pequena alteração em relação à consoante “k” a qual foi substituída pela consoante “c”<sup>31</sup>. Assim como o Makunaima dos mitos indígenas que se transforma em animais e plantas, o Macunaíma de Mário de Andrade também passa por metamorfoses. As transformações mais comuns são em elementos da fauna e da flora brasileira, principalmente quando ele queria relacionar-se sexualmente com a companheira do irmão mais velho

Então ele virou na formiga quenquém e mordeu Iriqui pra fazer festa nela. Mas a moça atirou a quenquém longe. Então Macunaíma virou num pé de urucum. A linda Iriqui riu, colheu as sementes se faceirou toda pintando a cara e os distintivos, Ficou lindíssima. Então Macunaíma, de gostoso, virou gente outra feita e morou com a companheira de Jiguê. (ANDRADE, 2007, p.12).

A passagem da infância para a fase adulta – pelo menos a parte física de Macunaíma – também foi feita pelo processo de metamorfose, apresentando como elemento o caldo de aipim que fora jogado sobre seu corpo pela cutia. Outra metamorfose sofrida pelo herói foi quando, em uma de suas andanças, ele se transformou em um índio branco e louro ao banhar-se em uma água encantada. A esperteza e a dicotomia maldade *versus* bondade são algumas características de Makunaima que Mário de Andrade também adotou em Macunaíma. Macunaíma é designado por Mário como herói sem nenhum caráter, porque o autor o compara

---

<sup>31</sup> Entre os indígenas ele é conhecido como Makunaima, na Alemanha ficou conhecido como Makunaíma e com Mário de Andrade tornou-se Macunaíma.

com o povo brasileiro, afirmando, em um dos prefácios escritos para o livro, que este não possui caráter porque não apresenta formação própria e nem possui conhecimento de sua formação tradicional, portanto, não tem identidade própria. Ao passo que o Makunaima das narrativas é tido como um herói tribal ou até mesmo um semideus por alguns índios, como já falamos anteriormente, nesse sentido adquire caráter factual para estes. Já Macunaíma (como personagem de um livro de ficção) é um ser de carne e osso que tem como destino final a subida ao céu e a transformação na constelação Ursa Maior.

É evidente que as narrativas orais passam por mudanças, sobretudo em relação ao conteúdo, pelo fato de serem transmitidas oralmente de geração em geração e por estarem sempre em movimento como, realmente, é percebido na narrativa intitulada “A árvore do mundo e a grande enchente” pertencente à obra de Theodor Koch-Grünberg, contada pelos índios Akúli e Mayuluaípu. Na narrativa feita por Akúli (verificar anexo A) ele “[...] menciona, logo no início, Makunaíma e seus irmãos, mas não revela o nome destes últimos personagens. No decorrer da ação, aparecem apenas Makunaíma e seu irmão mais velho, Jigué” (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p. 33), enquanto que na narrativa de Mayuluaípu (verificar anexo B) “são mencionados, além de Makunaíma, quatro irmãos, assim denominados: Ma’ anápe, Anzikílan, Wakalámbe, e Anike. Jigué não aparece [...]” (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p. 33). Mário aproveitou-se de tal narrativa para retirar os personagens Maanape e Jigué a fim de que fossem os irmãos de Macunaíma. O fato de uma mesma narrativa possuir diferentes versões está ligado à memória do narrador oral, uma vez que ele só irá lembrar-se dos elementos que lhe interessa, pois: “no campo da memória atua a seleção dos momentos do passado e não o seu total arquivamento [...]” (RICOEUR, 2008, p.77).

Ao fazer suas notas marginais, Mário permitiu o esquecimento, possibilitando o distanciamento da narrativa coletada pelo pesquisador alemão, embora de acordo com o mito de *Theuth*<sup>32</sup>, a escrita tenha sido inventada para prevenir o esquecimento

Quando não confio em minha memória [...] posso suplementar e garantir seu funcionamento tomando nota por escrito. Portanto, o papel nesse caso

---

<sup>32</sup> De acordo com o mito, *Theuth* foi o Deus responsável pelo descobrimento da escrita.

funciona, como uma parte materializada do meu aparelho mnemônico de modo que a minha memória descrita ali permanece inalterada, escapando as deformações a que poderia estar sujeita (FREUD, 1976, p.255).

Mas, se comparada ao *phármakon*<sup>33</sup>, como faz Derrida, a escrita adquire o sentido de veneno, pois em vez de fazer lembrar as narrativas orais coletadas por Theodor Koch-Grünberg, a escrita de Mário de Andrade provocou o esquecimento destas, ou seja, houve uma perda ao serem transpostas para o papel. Ainda a respeito da escritura, Derrida (2001) observa que ela é considerada uma arte imitativa e toda arte imitativa está distanciada da verdade. Esse poderá ter sido o motivo pelo qual Mário fez mudanças, acréscimos, supressões em algumas narrativas quando foram transpostas para sua obra. Assim, aplicando os conhecimentos teóricos empregados por Paul Ricoeur (2008), podemos dizer que a memória do escritor modernista teve a capacidade de (re)significação das coisas, fazendo com que o autor desse novos significados e interpretações às narrativas ao transpô-las para seu livro.

Além do livro de Theodor Koch-Grünberg, para a composição de **Macunaíma**, Mário de Andrade usou o trabalho de vários pesquisadores, sobretudo relacionados ao folclore e introduziu em sua obra outros personagens folclóricos que não faziam parte da mitologia dos índios Taurepáng e Arecuná, bem como atribuiu algumas particularidades, as quais eram comuns somente a esses seres, a personagens que fazem parte de **Macunaíma**, dentre eles o curupira que foi retirado das pesquisas feitas por Barbosa Rodrigues; o guaraná das de Roquete Pinto; a Boiuna das de Raimundo Moraes e até mesmo a narrativa infantil de João e Maria dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm

Dum e de outro fui tirando tudo que me interessava. Além de ajuntar na ação incidentes característicos vistos por mim, modismos, locuções, tradições ainda não registradas em livro, fórmulas sintáticas, processos de pontuação oral, etc. De falas de índio, ou já brasileiras, temidas e refugadas pelos geniais escritores brasileiros da formosíssima língua portuguesa. (ANDRADE, 1988, p. 427).

Havia também as correspondências trocadas com os amigos, sobretudo com Manuel Bandeira

---

<sup>33</sup> É um termo ambíguo usado por Derrida como uma das metáforas da escrita, de modo que pode significar tanto remédio quanto veneno, portanto, a escrita pode ser benéfica ou maléfica.

O meu saudoso amigo costumava expor-me a motivação, gênese e trabalho de construção de suas produções, quer se tratasse de um romance, de um ensaio, de um livro didático, ou de um simples poema. Pedia-me opinião e crítica. Eu dava-as. Ele redarguia. Discutíamos. Eram longas missivas 'pensamenteadas', como certa vez ele as qualificou. (BANDEIRA, 1958, p.13)

Às vezes pedia-lhe que conseguisse informações para acrescentar em sua obra: “Olhe, pergunte como coisa de você, pro Gilberto se ele sabe o nome de alguma rendeira célebre de Pernambuco ou do nordeste qualquer. Se não for do Pernambuco ele que diga donde ela é. É pro Macunaíma [...]” (ANDRADE, 1988 p.399) Os dados chegaram até Mário de Andrade e foram incluídos no capítulo III, intitulado “Ci, Mãe do Mato” quando nasce o filho do herói

Mandaram buscar pra ele em São Paulo os famosos sapatinhos de lã tricotados por dona Ana Francisca de Almeida Leite Moraes e em Pernambuco as rendas "Rosa dos Alpes", "Flor de Guabiroba" e "Por ti padeço" tecidas pelas mãos de dona Joaquina Leitão mais conhecida pelo nome de Quinquina Cacunda (ANDRADE, 1984, p. 22).

Ao terminar um capítulo, Mário de Andrade, imediatamente, enviava a Manuel Bandeira e pedia-lhe sua opinião sobre seus escritos. Os dois amigos ficavam se correspondendo por meio de cartas, até chegarem a algum consenso: “[...] as contestações que você me fez na última carta enfim chegaram a provar alguma coisa. Agora principio entrevendo onde e porque você tem razão no caso da Carta pras Icamiabas. Isso ainda não quer dizer que vá modificar a história” (ANDRADE, 2001, p.127). Porém, na maioria das vezes, Mário acabava aceitando os conselhos do amigo e confidente

Onde você me despertou bem a crítica e resolvi fazer que nem você fala é no caso de Ci. Vou fazer um capítulo só pros amores dela. O resto passa pra outro capítulo. Esta crítica foi uma revelação luminosa nesta carta. Vai melhorar enormemente o caso. Na Carta pras Icamiabas não cedo até agora mais do que cedi. Reduzo um pouco e isso porque já sentia que estava comprida por demais. Você conseguiu fortificar o sentimento. No resto os argumentos de você são de ordem puramente sentimental e não de ordem crítica e são inaceitáveis (ANDRADE, 2001, PP 127-128).

## 2.5- A recepção no Brasil

O ato de ler permite que o leitor tenha várias reações, dependendo de sua recepção: “que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de

presenteá-lo, de escrever uma crítica ou ainda de pegar um papelão, transformá-lo em viseira e montar a cavalo” (STIERLE, 2002, p.121). Neste sentido, somente a ação da leitura é que possibilitará a recepção do livro e, conseqüentemente, na crítica destinada a ele, assim: “o significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos” (STIERLE, 2002, p.120). De fato, foi o que aconteceu com a recepção de **Macunaíma** no Brasil, pois, de acordo com Silviano Santiago (1988), após várias críticas destinadas à obra, na década de 60 o livro foi aprovado definitivamente como a melhor prosa de ficção do Modernismo brasileiro.

Na primeira publicação de **Macunaíma** foram impressos apenas 800 exemplares, uma vez que Mário de Andrade não conseguiu editor e nem ajuda do governo. Foi somente a partir de 1930, com o governo Getúlio Vargas, que os Modernistas passaram a ser apoiados financeiramente pelo estado, nesse sentido, os custos da primeira edição foram pagos pelo próprio Mário de Andrade

Só de livraria me vi este mês de maio acabando com uma dívida de perto de dois contos! E as quotas mensais de Macunaíma são de oitocentos paus! Está claro que tive que me arranjar com livrarias e casas de música para esperarem parte do pagamento nos meses que vêm [...] (ANDRADE 1988, 402).

Apesar de poucos exemplares, as primeiras críticas destinadas ao livro surgiram com a primeira publicação. Pessoas de diferentes áreas do conhecimento: jornalistas, historiadores, sociólogos, ficcionistas, políticos, críticos literários, etc. expuseram suas opiniões, de modo que a crítica da época ficou bastante dividida, pois houve quem elogiasse o livro, como Nestor Vitor, Aníbal Fernandes, Ascenso Ferreira, Olívio Montenegro, e quem não gostasse da obra, como João Pacheco, Antônio de Alcântara Machado, Cândido da Mota Filho, entre outros. As principais críticas estavam relacionadas ao fato de **Macunaíma** possuir uma escrita cheia de neologismos e ser considerado coloquial; ter vários gêneros e estilos em uma mesma obra; pela própria caracterização do personagem e, sobretudo, por ser considerado plágio por muitos estudiosos, pelo fato de Mário de Andrade ter feito uso das narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg, contudo, o autor não nega a acusação

Copiei, sim [...]. O que me espanta e acho sublime de bondade é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. [...]. Confesso que copiei, copiei as vezes textualmente.[...]. Enfim, sou obrigado a confessar duma vez por todas: eu copiei o Brasil [...] (ANDRADE, 1988, p 427).

Quando Mário afirma “eu copiei o Brasil”, não é simplesmente a cópia pura, no sentido de plagiar, como muitos o acusaram, mas cópia no sentido de devoração dos elementos pertencentes à cultura brasileira, de reescrita, deglutição e transformação em algo novo que é o livro **Macunaíma**.

Conforme observamos anteriormente, não foi somente as pesquisas de Theodor Koch-Grünberg que Mário de Andrade usou em **Macunaíma**. E, ao referir-se às críticas, o autor modernista observa

A crítica [...] ainda é deficientíssima e os nossos críticos são mais ou menos improvisados e raríssimos são entre eles os que tem a verdadeira cultura filosófica e artística. Em geral, são indivíduos muito lidos, mas é preciso não confundir muita leitura e cultura (ANDRADE, 1983, p.74).

Deste modo, podemos dizer que os primeiros críticos de **Macunaíma** basearam-se principalmente nas primeiras impressões que tiveram da obra, pois foi uma obra revolucionária, que desafiou a ideologia da época, ainda presa aos moldes do século XIX, onde buscavam encontrar, sobretudo, características regionais, em especial indianistas que apareciam de forma superficial nos livros. Ademais, a literatura brasileira até o início do século XX era baseada na literatura europeia, em especial na portuguesa, assim, negros brancos e índios falavam e agiam como nobres brancos e cultos. Portanto, era uma literatura ilusória, pois não condizia com a realidade do povo brasileiro<sup>34</sup>. Dessa forma, não existia uma literatura brasileira propriamente dita, apesar de Antonio Cândido (1959) observar que para os críticos estrangeiros, a literatura brasileira nasceu com o Arcadismo e para os românticos, devido o indianismo, ela tenha surgido com o Romantismo, embora discorde destas concepções, pois, conforme Cândido, elas estão cheias de equívocos, uma vez que a literatura brasileira só passou a existir a partir do momento em que havia um

---

<sup>34</sup> Embora Mário de Andrade faça questão de dizer que não queria representar o brasileiro através de Macunaíma.

sistema literário consolidado no Brasil, onde estavam envolvidos autor-obra-leitor<sup>35</sup>. Mário de Andrade, com **Macunaíma**, rompe com as formas anteriores de produção literária, propondo uma nova maneira de se fazer literatura, incluindo a mitologia indígena e o folclore brasileiro, visto que sua obra tem como tema assuntos retirados da realidade podendo ser considerados factuais, personagens das mais diversas regiões do país, uma mistura de mitos e principalmente uma linguagem regional.

Como o foco deste trabalho está ligado às narrativas sobre Makunaima e ao livro **Macunaíma**, escolhemos algumas críticas destinadas ao livro que tenham sido feitas com base no processo de apropriação de Mário de Andrade das narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg. A primeira crítica destinada à obra foi feita no ano de 1928 e intitulada de “Macunaíma. O livro de Mário de Andrade”, publicada no “Diário Nacional”, porém, não tinha indicação de autor, de modo que causou muitas especulações sobre quem seria o responsável, ao ponto de Silviano Santiago chegar a afirmar que: “A precisão e a concisão das informações contidas na nota indicam que o autor dela deve ter sido o próprio Mário de Andrade”. (SANTIAGO, 1988, p.185), pois a crítica parece uma nota instrutiva sobre o livro, fato que nos chamou atenção, uma vez que o crítico demonstra conhecer tão bem a obra que acabara de ser publicada a ponto de fazer uma apresentação do livro aos leitores, de modo que apresentou o enredo, falou o título dado a cada capítulo e, principalmente, sobre a influência das narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg, bem como o porquê do título colocado na obra

Essas tradições lendárias foram reveladas por Koch-Grünberg na sua obra monumental, Vom Roroima zum Orinoco. Aproveitando-se dos trabalhos de Koch-Grünberg, Mário de Andrade teve a ideia dum romance em que satiriza certos defeitos do brasileiro. Daí o título: ‘Macunaíma, o herói sem nenhum caráter’ (S/A In JASCHKE, 2008, p.152).

O crítico ainda faz questão de observar que, além das informações de Theodor Koch-Grünberg, Mário de Andrade fez uso de outras informações, conforme trecho: “é um livro cheio de histórias, onde o autor reuniu também copiosamente manifestações de costumes, superstições, provérbios, modismos vocabulares, frases feitas e cacoetes brasileiros” (S/A In JASCHKE, 2008, p.152). Informação, de

---

<sup>35</sup> Nosso objetivo não é traçar uma discussão sobre quando surgiu a literatura brasileira. Citamos Antônio Cândido somente a título de exemplificação.

fato, corroborada pelo próprio Mário de Andrade: “dum e de outro fui tirando tudo que me interessava” (ANDRADE, 1988, p. 427).

Outras críticas que também foram destinadas à obra e que se referem ao uso das narrativas indígenas foram as de Tristão de Ataíde intitulada de “Macunaíma” e publicada no ano de 1928 em “O jornal” e a de Sérgio Buarque de Holanda<sup>36</sup> com o título de “O mito de Macunaíma” publicada um pouco mais tarde, no ano de 1935. A crítica de Tristão de Ataíde foi feita com base nos dois prefácios escritos por Mário de Andrade para **Macunaíma**, os quais não foram publicados pelo fato de Mário de Andrade ter achado o primeiro insuficiente e o segundo suficiente demais. Talvez por não ter se sentido seguro para fazer uma análise mais profunda da obra, o crítico resolveu fazer uso dos prefácios, assim não faria nenhum pré-julgamento em relação a **Macunaíma**, embora, segundo Tristão de Ataíde, o uso dos prefácios foi feito com o objetivo de entender a intenção de Mário de Andrade ao escrever o livro e livrá-lo de qualquer acusação de plágio. Baseado nesses prefácios, em seu discurso, o crítico ressalta sobre a principal influência de Mário de Andrade e mostra conhecer a obra **Vom Roroima zum Orinoco**, bem como as narrativas sobre Makunaima

Pois bem, no livro do sr. Mário de Andrade vamos encontrar como tema central o desafio constante entre Macunaíma e Piaimã, que o autor liga aliás à lenda das “mairaquitãs”, as “pedras verdes” das Amazonas lendárias. E toda a estrutura do livro e grande número de suas aventuras estapafúrdias são a reprodução, por vezes fiel, das aventuras de Macunaíma e seus irmãos, em suas lutas com o ogro Piaimã. (ATAÍDE In JASCHKE, 2008, p.135).

Ainda sobre Makunaima o crítico observa

Há muito que os viajantes e missionários conhecem essa personagem da mitologia indígena. Mas só Koch-Grünberg é que fixou verdadeiramente o ciclo de Macunaíma, entre os índios da região de Roraima, especialmente entre os taulipangues e os arecunas [...] é no volume 2 da obra que o autor publica mitos e lendas que colheu pessoalmente durante a sua permanência entre as tribos de Roraima (ATAÍDE In JASCHKE, 2008, p.133).

Tristão de Ataíde apenas reproduz o que está escrito nos prefácios destinados a **Macunaíma**, sem demonstrar nenhum conhecimento aprofundado acerca do

---

<sup>36</sup> Usamos somente essas duas críticas apenas para exemplificação, uma vez que o objetivo deste trabalho não é trabalhar com as críticas destinadas ao livro.

processo de criação da obra. Assim como Tristão de Ataíde, Sérgio Buarque de Holanda também faz questão de falar do uso do livro de Theodor Koch-Grünberg na composição de **Macunaíma**

Macunaíma, o “herói sem nenhum caráter”, não foi construído pelo sr. Mário de Andrade. Ele vive em um sem-número de fábulas dos índios [...] Entre os arecunás, os taulipangues e os macuxis, no norte da Amazônia, Theodor Koch-Grünberg recolheu as histórias de Macunaíma que publicou no segundo volume do seu livro monumental, intitulado Vom Roroima Zum Orinoco [...] Do imenso material poético que apresenta o folclore dos nossos indígenas do Extremo Norte, o sr. Mário de Andrade retirou o personagem mítico cujas aventuras extraordinárias serviram de base para uma versão nova, admirável como trabalho de recriação e também como interpretação desse espírito mágico, que contrasta com a nossa civilização técnica, utilitária, mas que, apesar de tudo, ainda vive entre nós, sob mil formas intermediárias (HOLANDA In JASCHKE, 2008, 239).

Por fim, em sua crítica, Sérgio Buarque de Holanda reproduz algumas narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg que foram inseridas em **Macunaíma**, mas não faz um estudo aprofundado e nem mesmo comparativo acerca do processo de composição do livro de Mário de Andrade.

Observamos que as primeiras críticas destinadas a **Macunaíma**, que tiveram como foco principal as narrativas indígenas inseridas no livro, não demonstraram nenhum conhecimento aprofundado acerca do processo de criação da obra, pois, com exceção da primeira, que é de autoria não identificada, as demais foram feitas com base nas informações oferecidas pelo próprio Mário de Andrade. Tristão de Ataíde chega a afirmar que as aventuras de Macunaíma são uma reprodução fiel das narrativas indígenas, conclusão esta precipitada pelo crítico, pois, conforme mostramos neste capítulo, houve mudança nessas narrativas ao serem inseridas na obra de Mário de Andrade. Por outro lado, Sérgio Buarque de Holanda reconhece que houve mudanças, contudo, não as mostra. Assim, os discursos de cada crítico estão sempre relacionados a outros discursos que podem ser por meio de analogia ou complementaridade. Todavia, todos fazem relação a um discurso anterior, que são as informações oferecidas por Mário de Andrade por meio de cartas ou até mesmo na crítica que supostamente tenha sido do próprio autor.

### **CAPÍTULO 3**

#### **RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO: MAKUNAIMA E “MACUNAÍMA”**

### 3.1 – A visão de Theodor Koch-Grünberg

Como já falamos anteriormente, as narrativas sobre Makunaima foram contadas a Theodor Koch-Grünberg por Akúli, índio Arecuná e Mayuluaípu, índio Taurepáng, também conhecido por José

José está sempre à minha disposição. [...] todo dia dita pra mim textos Taulipáng, contos e fórmulas mágicas, e nós os traduzimos juntos, palavra por palavra, para o português. Assim, aprofundo-me mais e mais nessa língua rica e, com trabalho fatigante, obtenho um material valioso. (KOCH-GRÜNBERG, 2006, pp.173-174).

O naturalista alemão entendia pouco a língua indígena e nem era um bom falante do português, mas visivelmente não demonstrou nenhuma dificuldade em relação à interferência cultural ou linguística para compreender o que estava sendo narrado. As narrativas orais eram feitas primeiramente em língua Arecuná pelo índio Akúli-que não falava uma só palavra em português- traduzida para o português pelo índio Mayuluaípu e pelo pesquisador alemão. Somente depois desse processo de tradução, é que Theodor Koch-Grünberg as traduzia para o alemão. Portanto, podemos dizer que Theodor Koch-Grünberg traduziu as histórias orais que lhe foram contadas tanto em sentido estrito, uma vez que houve “transferência de uma mensagem verbal de uma língua em uma outra” (RICOEUR, 2011, p. 33), quanto em sentido amplo, quando nos referimos à tradução como sinônimo de interpretação. Assim, Theodor Koch-Grünberg interpretou alguns elementos referentes à cultura indígena brasileira por meio das narrativas que lhe foram contadas, de modo que sua recepção culminou no segundo volume de **Vom Roroima zum Orinoco**.

Tomando como base os estudos de Venuti (1995), mesmo traduzindo “palavra por palavra”, podemos inferir que houve transformação nas narrativas orais ao serem colocadas no papel pelo pesquisador alemão, pois conforme o estudioso: “A tradução é uma produção ativa de um texto que se assemelha ao original mas que mesmo assim o transforma” (VENUTI, 1995, p.113), neste sentido, ao traduzir algo, sobretudo de uma língua para outra, como foi o caso de Theodor Koch-Grünberg, essa nova tradução será feita com base na visão do tradutor, uma vez que este não consegue ser totalmente invisível. No caso do viajante alemão, podemos dizer que, de fato, ele colocou suas impressões em seus escritos e criou um novo texto, assim, essas narrativas orais passaram mudanças ao serem escritas

por Theodor Koch-Grünberg. Temos como exemplo o termo “safado” usado por Akuli<sup>37</sup> ao se referir ao semideus na narrativa “A árvore do mundo e a grande enchente”. No dicionário Aurélio (2000) de língua portuguesa, “safado” significa “desavergonhado”, “ímoral”. Theodor Koch-Grünberg ao inserir tal palavra no alemão usa o termo *verschlagener* que em português recebe o significado de tortuoso, ou seja, “oposto à verdade e a justiça” (AURÉLIO, 2001, p.678). Observamos que, por meio deste exemplo, Theodor Koch-Grünberg não conseguiu traduzir o verdadeiro significado de uma das principais características do semideus indígena, de modo que houve uma distorção do sentido ao ser traduzido para a língua alemã. De tal modo, mesmo que ele tenha tentado preservar o “original” de tudo que lhe fora narrado, sabemos que, como bem observa Benjamin (1994), essa é uma ideia ingênua estabelecida entre o ouvinte e o narrador.

Em se tratando de fidelidade ou não nos escritos de Koch-Grünberg, podemos dizer que a “infidelidade ao original” apresenta-se antes mesmo das histórias serem transpostas para o papel, uma vez que as narrativas orais não eram contadas da mesma forma, já que os dois informantes indígenas possuíam versões diferentes de uma mesma narrativa oral. Acreditamos que, como observa Benjamin (1994), isso se justifique pelo fato de que a narrativa

não está interessada em transmitir o ‘puro-em-si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador [...] (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Neste sentido, o narrador busca imprimir, na história que está narrando, os elementos considerados por ele mais interessantes. De modo que estes estão ligados à memória do informante que é acionada quando ele narra uma história, porém a memória é falha e, por conta disto, seleciona os elementos que quer lembrar por meio da rememoração, sendo que sempre vai haver a falta de algo como, de fato, verificamos nas palavras de Mayuluaípu reproduzidas por Theodor Koch-Grünberg toda vez que esse ia lhe narrar uma história: ‘Esta história foi meu

---

<sup>37</sup> ‘Makunaima, o mais novo dos irmãos, era mais safado que todos os outros, embora fosse um menino’ (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.5).

pai que me contou, e ele sabe muito mais ainda!<sup>38</sup> (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.174). Aparentemente a história narrada ao alemão está incompleta, pois só quem a conhece na íntegra é o pai do informante, assim sendo, Mayuluaípu não conseguiu traduzir por completo a narrativa que seu pai lhe contou, portanto, fazendo uso das palavras de Paul Ricoeur (2011), a tradução perfeita é utopia, não existe, uma vez que: “na tradução também se procede a uma certa salvação e um certo consentimento de perda” (RICOEUR, 2011, p.22). Deste modo, a tradução, por melhor que seja, jamais se compara ao “original”<sup>39</sup>, pois sempre vai haver uma perda, além disso, por estas narrativas serem caracterizadas como mitos, observamos que elas possuem a particularidade de sempre estar em movimento, em consequência, continuamente, passam por algumas mudanças e variações, uma vez que: “o mito [...] possui costumes que vão mudando, adaptados às condições do ambiente em que age” (CASCUDO, 2006, p. 53). Neste sentido, nem Theodor Koch-Grünberg e nem mesmo seus informantes indígenas foram fiéis tradutores das histórias indígenas amazônicas.

Em seu diário de viagem, quando se refere aos companheiros de expedição, Koch-Grünberg observa que: “na maior parte do tempo ficamos todos juntos, agachados junto ao fogo na barraca grande, contando histórias [...]” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, pp.173-174). Essas histórias orais eram contadas de forma aleatória, portanto, não seguiam uma sequência cronológica e nem diziam respeito somente a Makunaima, no entanto, ao serem impressas no papel, Theodor Koch-Grünberg as organizou de outra forma, de modo que incluiu primeiramente as histórias que estão relacionadas a Makunaima. Essa escolha, acreditamos, deu-se pelo fato das histórias que envolvem Makunaima serem bem recorrentes na cultura indígena da região Circum-Roraima, apresentando-se, na maioria das vezes, como factual. Outro caso que nos chamou atenção em relação ao livro **Mitos e Lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**, foi o motivo do viajante alemão ter iniciado as narrativas com a história “A árvore do mundo e a grande enchente” (conforme

---

<sup>38</sup> Como observa BENJAMIN (2001), os narradores orais tem como fonte a experiência dos mais velhos que, vai passando de geração em geração.

<sup>39</sup> Estamos usando o termo original, quando nos referimos às narrativas orais, como sinônimo de primitivo, isto é, de primeiro, portanto seria a primeira versão de uma narrativa.

sumário e anexos) que, diferente do livro **Macunaíma**, que inicia com o nascimento do herói: “No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente” (ANDRADE, 1984, p. 9) e a informação sobre seus pais: “[...] filho do medo da noite” (ANDRADE, 1984, p. 9) e uma índia tapanhumas, a história oral narrada a Theodor Koch-Grünberg, e em seguida escrita por ele, não dá nenhuma informação sobre os pais e o nascimento de Makunaima<sup>40</sup>, ela tem início com Makunaima já crescido. Nesta narrativa, Makunaima e seus irmãos estão passando fome e decidem ir à procura de algo para se alimentar. Nessa busca, encontram a árvore Wazaká-árvore sagrada para muitos indígenas – carregada de todos os frutos bons; após saciarem a fome, Makunaima derruba a árvore, esta cai em direção ao norte de Roraima; com a derrubada da árvore, de seu tronco, jorra muita água, causando uma grande enchente. Esta narrativa termina com Makunaima e seus irmãos no alto de outras árvores esperando as águas secarem. As narrativas seguintes, até a de número cinco, dão prosseguimento à primeira narrativa. Estas relatam que após a grande enchente, aqui entendemos como um possível dilúvio há um incêndio que destrói muitos homens; quando o incêndio é apagado, Makunaima faz novos homens, primeiro de cera, depois de barro, que após serem expostos ao sol, finalmente são transformados em gente pelo semideus.

Poderíamos dizer que a narrativa “A árvore do mundo e a grande enchente” foi a primeira história oral contada a Theodor Koch-Grünberg pelo fato dela ter como um de seus elementos principais o Monte Roraima que, conforme as histórias indígenas, ele foi criado por Makunaima a partir do tronco da árvore Wazaka. Logo, o Monte Roraima é um símbolo extremamente poderoso que está vinculado diretamente às histórias que envolvem Makunaima e é um dos marcos mais importantes da mitologia indígena brasileira, venezuelana e guianense, uma vez que muitos indígenas acreditam que o Monte seria a casa de Makunaima, portanto é uma referencialidade sobre a existência dele no mundo real. Por outro lado, temos duas suposições que poderiam justificar que tal narrativa foi escolhida de maneira proposital pelo viajante alemão para ser incluída em seu livro. A primeira está relacionada à grande enchente que acontece na narrativa, e que nós reconhecemos

---

<sup>40</sup> Conforme o documentário “Nas Trilhas de Makunaima”, sol e lua se encontraram causando um eclipse, dessa união nasceu Makunaima.

como um possível dilúvio, sendo este um acontecimento comum nas sociedades, tendo a água como elemento principal, que marca quase a extinção de um povo em detrimento do surgimento de um outro renovado, como, de fato, observa Eliade (1992)

É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um “novo nascimento”, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida. (ELIADE, 1992, p.65).

Neste sentido, “[...] a imersão nas Águas equivale não a uma extinção definitiva, e sim a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma criação, de uma nova vida ou de um homem novo” (ELIADE, 1992, p.66), como, de fato, fez Makunaima ao criar novos seres. A segunda suposição, e talvez a mais consistente, estaria relacionada à origem do viajante e ao horizonte de expectativa dos leitores alemães de **Vom Roroima zum Orinoco**, que seria o fato de a narrativa ter a árvore como elemento principal, uma vez que esta desempenha um papel muito importante para os povos germânicos, nesse sentido, o livro de Theodor Koch-Grünberg se tornaria atrativo aos leitores alemães. ELIADE (1992) observa que a figura da árvore, dependendo da cultura de cada povo, tem a sua representatividade, podendo simbolizar “a vida, a juventude, a imortalidade, a sapiência” (ELIADE 1992, p.74). Na Alemanha, existe o mito da árvore do mundo cujo nome é Yggdrasil<sup>41</sup>, que simboliza o cosmos, assim, as suas partes (raiz, tronco e copa) estabelecem uma ligação direta entre os três níveis do universo. O primeiro nível é o mundo subterrâneo, onde estão presentes as raízes; o segundo mundo é o mundo da superfície sendo representado pelos troncos e galhos; o terceiro mundo é chamado de supramundo que é alcançado pela copa e pelos galhos mais altos. Através

---

<sup>41</sup> “Esta árvore é representada como um mitológico freixo gigante, que suporta o Universo habitado por deuses, homens e seres fantásticos. As raízes em torno de seu tronco, localizam-se nos mundos de Niflheim (terra do gelo); Jotunheim (terra dos gigantes); Alfheim (terra dos elfos); Muspelsheim (terra do fogo) e Vanaheim (terra dos deuses Vanir). Mais abaixo está Svartalheim (terra dos duendes) e ainda mais abaixo se encontra o Hell (o submundo). Ao redor do tronco principal da Yggdrasil está Midgard - a terra central onde vivem os homens e os animais e por fim seus ramos se estendem até o Asgard - terra dos deuses nórdicos.” (MENDES, 2013, não paginado).

desses três mundos a árvore torna-se o elemento que simboliza a união entre o céu e a terra

Em outras palavras, a árvore conseguiu exprimir tudo o que o homem religioso considera real e sagrado por excelência, tudo o que ele sabe que os deuses possuem por sua própria natureza e que só raramente é acessível aos indivíduos privilegiados, os heróis e semi-deuses. (ELIADE 1992, p.74)

Os três elementos – Monte Roraima, água e árvore- presentes na narrativa “A árvore do mundo e a grande enchente”, representam uma simbologia muito forte, uns mais outros menos, dependendo da cultura de cada povo onde eles se manifestam. Como nosso trabalho está diretamente relacionado ao resultado do trabalho de pesquisa de Theodor Koch-Grünberg e a teoria da recepção, mesmo não sabendo qual teria sido a primeira história oral que os indígenas lhe contaram, ficamos com a hipótese que a narrativa “A árvore do mundo e a grande enchente” tenha sido escolhida de maneira proposital pelo viajante, somente pelo fato de atender ao horizonte de expectativa do leitor alemão.

Quanto às outras narrativas<sup>42</sup> presentes no livro **Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arecuná** que, de alguma forma estão relacionadas a Makunaima, todas dizem respeito a aventuras de Makunaima ou a alguma de suas criações, porém não achamos necessário um estudo mais aprofundado dessas narrativas neste momento.

### 3.2- Fatos e ficções

Conforme mencionamos nas considerações iniciais desta dissertação, a ideia de trabalhar com fatos e ficções em **Macunaíma** e Makunaima surgiu a partir de um questionamento feito por Wolfgang Iser, em que o autor indagava a respeito da oposição colocada entre a ficção e a realidade, pois se entendia, até então, que não poderia existir ficção em um texto pragmático/real ou que não havia realidade em um texto ficcional. Assim, Iser (1983) propôs que entre a ficção e a realidade fosse inserido o imaginário, (Iser apresenta uma tríade) para que deste modo pudesse ser

---

<sup>42</sup> “Façanhas de Makunaima”; “Como a arraia e a cobra venenosa vieram ao mundo”; “Makunaíma e o rapel da árvore samaúma”; “Makunaíma no laço de Piaimã”; “Makunaíma e piaimã”; “Makunaíma e Waimesá-Pódole”.

desfeito tal equívoco provocado pelo pensamento binário da teoria literária tradicional. Desta forma, em vez de buscar oposições entre esses termos, como se fazia, com a inserção do imaginário, os estudos estão voltados para procurar as relações existentes entre eles.

Não existe uma definição exata e unânime do termo ficção. Os seus primeiros conceitos foram desenvolvidos no século XVIII<sup>43</sup>, onde a ficção poderia ser entendida como uma forma criada; como engano; ou até mesmo como sinônimo de falso. Hoje, porém, “as mais avançadas teorias da ficção permanecem relacionadas à complementaridade da significação do latim  *fingere*<sup>44</sup>. Nesse sentido, podemos dizer que a ficção é o resultado do ato de fingir, ou seja, da modificação e/ou repetição da realidade dentro de um texto ficcional, pois é nele que ela se realiza. Através de uma relação dialética entre o imaginário e o real, a ficção se torna implicada na realidade, de modo que: “o mundo da ficção e o mundo real se coordenam reciprocamente: o mundo se mostra como horizonte da ficção, a ficção, como horizonte do mundo” (STIERLE, 1996, p.155). Para Iser, as realidades existentes em um texto ficcional relacionam-se com o imaginário, este, por sua vez, relaciona-se com a realidade retomada pelo texto, “assim o ato de fingir ganha a sua marca própria, que é de provocar a repetição no texto da realidade vivencial [...]” (ISER, 1983, p.385). Embora saibamos que para Stierle

A ficção não é um reflexo do mundo, nem a representação de um outro bem diverso. Ao contrário, ela descreve uma configuração sempre nova, a tensa mediação entre os dois campos, à medida que os reúne em uma figura de relevância (STIERLE, 1996 p.161).

É importante lembrar que, para Stierle (1996) o ato de fingir é resultado de diversas atividades, entre as quais estão inseridas a combinação e a seleção. Deste modo, o autor de ficção decompõe o mundo real, seleciona o que quer colocar em seu texto ficcional e combina com os demais elementos existentes no texto. Iser (1983) define a seleção como “[...] uma transgressão de limites na medida em que os elementos acolhidos pelo texto agora se desvinculam da estruturação semântica

<sup>43</sup> Mas, foi somente a partir do século XX que a ficção entrou no debate teórico da literatura.

<sup>44</sup> STIERLE, 2006, p.89. Para Stierle (2006)  *fingere* também significa compor a obra, ou seja, “dá forma ao informe, converter o barro em figura” (STIERLE, 2006, p.13).

ou sistemática dos sistemas de que foram tomados” (ISER, 1983 p.388), neste caso, podemos dizer que os elementos que, outrora eram tidos como factuais, pois faziam parte do mundo empírico, estão presentes em um mundo agora ficcional, todavia “os elementos contextuais que o texto integra não são em si fictícios [...]” (ISER, 1983, p.388). Como bem observa Iser (1983), a seleção também é um ato de fingir, onde as fronteiras dos campos de referência, isto é, dos elementos que fazem referência à realidade são transgredidas, e

Como ato de fingir, a seleção possibilita então aprender a intencionalidade de um texto. Pois ela faz com que determinados sistemas de sentidos do mundo da vida se convertam em campo de referência do texto, estes, por sua vez, na interpretação do contexto (ISER, 1983, p.389).

Ainda sobre o conceito de ficção, em uma nota de rodapé de seu ensaio intitulado: “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”, Iser (1983) observa que o carácter dificilmente determinável da ficção está relacionado ao fato dele considerá-la “como um ato intencional” e por conta disso não apresenta uma definição exata. Por outro lado, Hayden White tenta ser mais preciso em sua definição, alegando que: “[...] a ficção é concebida como a representação do imaginável” (WHITE, 1994, p.115), enquanto que Stierle (1996) observa que a ficção possui como qualidade o ato de representar “[...] formas possíveis de organização da experiência” (STIERLE, 1996, p.152). Todavia, “[...] não é uma representação do mundo, mas sim uma representação da possibilidade de organização dos complexos de experiência” (STIERLE, 1996, p.152).

Com base em tudo que discutimos neste tópico a respeito dos termos ficção e imaginário, podemos dizer que com a inserção do imaginário entre a ficção e a realidade, formando a tríade ficção-imaginário-realidade, a ficção tornou-se parceira do imaginário e ambos são momentos de transgressão do real. Assim sendo, segundo Stierle (2006), o fictício determina o imaginário e ao mesmo tempo conduz o real. Por sua vez, o imaginário alcança sua mais alta forma ao se transformar em ficção, de modo que a ficção concretiza o imaginário e mistura a realidade empírica com a realidade real. Portanto, por meio do imaginário, poderá ser possível transformar a ficção em fato, como bem observam François Laplantine e Liana Trindade: “a imaginação tornou-se o caminho possível que nos permite não apenas

atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade” (LAPLANTINE E TRINDADE, 2003, p.7), mas também, o fato em ficção.

Conforme abordamos acima, não existe uma definição absoluta e unânime a respeito do termo ficção, de modo que suas concepções são sempre plurais e abertas para novos conceitos, mas, por hora, neste trabalho, iremos nos referir à ficção como algo diretamente ligado ao imaginário que pode ou ser entendida como realidade, pois vai depender da recepção de cada um.

Já em relação ao termo fato, iremos nos referir a ele como sinônimo de real, sendo que uma das formas onde o real se faz presente é por meio dos textos pragmáticos. Assim, texto pragmático é aquele que, segundo Stierle (2006) tem o caráter real, pois requer somente uma interpretação e não possui significados fora de sua finalidade, uma vez que este deve ser esgotado. Conforme François Laplantine e Liana Trindade: “O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida” (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003, p.12). Para Wolfgang Iser, em uma nota de rodapé de seu ensaio “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”

[...] o real é compreendido como o mundo extratextual, que enquanto facticidade, é prévio ao texto e que ordinariamente constitui seus campos de referência. Estes podem ser sistemas de sentido, sistemas sociais e imagens do mundo, assim como podem ser, por exemplo, outros textos em que se efetua uma organização específica, ou seja, uma interpretação da realidade. Em consequência, o real se determina como o múltiplo dos discursos, a que se refere o acesso ao mundo do autor, tal como mostrado pelo texto (ISER, 1983, p.413).

Os campos de referência a que Wolfgang Iser se refere serão nossos suportes para as discussões dos fatos e ficções neste trabalho, especialmente os sistemas de sentidos, as imagens do mundo e outros textos que, neste caso, serão as narrativas indígenas coletadas por Theodor Koch-Grünberg e os depoimentos dos indígenas participantes do documentário “Nas trilhas de Makunaima”.

### **3.3 - Fatos e ficções em Macunaíma e Makunaima**

As viagens realizadas tanto por Koch-Grünberg quanto por Mário de Andrade foram feitas em momentos, em tempos e em lugares diferentes da Amazônia, contudo tinham objetivos parecidos que seriam conhecer mais a cultura brasileira,

seja através das tribos indígenas, como fez o pesquisador alemão, ou em meio aos “brancos”<sup>45</sup>, como fez Mario de Andrade. O que diferenciou as viagens de cada um foi a finalidade dada a elas: Koch-Grünberg pretendia fazer um estudo da cultura indígena para o Instituto Baessler, por meio da coleta de objetos etnográficos e pesquisas sobre a cultura destes, por outro lado, Mário queria conhecer o Brasil para fazer literatura, pretendia recolher o maior número de elementos que representassem a cultura brasileira para inseri-los em suas obras. O elo entre as viagens feitas por Mário de Andrade e Theodor Koch-Grünberg foi o livro **Macunaíma**, o qual contém grande parte do trabalho dos dois viajantes e que foi um dos responsáveis pela divulgação das narrativas que fazem referência a Makunaima.

As pesquisas realizadas por Theodor Koch-Grünberg nas tribos indígenas do Circum-Roraima, no geral, tinham o caráter pragmático, tanto para o instituto Baessler, o qual foi o patrocinador da expedição, quanto para os índios, uma vez que os livros publicados como resultados dos estudos do etnólogo, de certa forma, buscavam mostrar a realidade indígena amazônica. Mas, em se tratando do 2º volume de **Vom Roroima zum Orinoco**, em que constam as narrativas das tribos pertencentes à região Circum-Roraima, em especial as que estão relacionadas a Makunaima, nos faz pensar um pouco mais a esse respeito, de modo que ao longo deste tópico iremos elencar algumas observações importantes voltadas para as discussões dos fatos e ficções nestas narrativas.

Partindo do questionamento colocado por Iser (1983), conforme citamos na justificativa deste trabalho e retomamos neste capítulo, Lima (2006) afirma que, de fato, no texto pragmático pode haver algo que o distancie da realidade, assim como nos textos ficcionais pode haver algum indício do real. No entanto, não é este o nosso objetivo, pois em vez de procurarmos o factual em uma obra de ficção ou a ficção em algo factual/pragmático, preferimos optar pelos campos de referências que envolvem nosso *corpus* de pesquisa. Nesse sentido, para discutirmos factualidade ou ficcionalidade em **Macunaíma** e Makunaima, levaremos em conta o que o caracterizam como tais, ou seja, levaremos em consideração, principalmente, a

---

<sup>45</sup> As aspas são usadas para indicar que as pesquisas de Mário de Andrade não se restringiam somente aos brancos.

afirmação ou negação dos leitores/ouvintes/narradores, uma vez que, conforme Schmid (2010), uma das formas de se chegar a alguma conclusão a respeito do que poderia ser caracterizado como fato ou ficção em textos ficcionais ou pragmáticos é a declaração do leitor. Além das declarações e depoimentos, também levaremos em consideração as imagens do mundo real que podem estar presentes no livro **Macunaíma** e as que fazem referência à existência de Makunaima. Esses campos de referências são denominados pelo etnólogo alemão, na introdução de **Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**, de “elementos explanatórios”, onde para ele “nos mitos e contos são abundantes os motivos explanatórios que esclarecem certos traços da natureza que cerca essas tribos” (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p.53).

Para criar **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter**, Mário de Andrade fez uma seleção e combinação das narrativas coletadas por Theodor Koch-Grünberg em tribos indígenas Amazônicas, conforme mostramos no capítulo anterior. Logo poderíamos dizer que o autor fez uso de um procedimento ficcional, pois usou dois elementos que caracterizam o ato de fingir. Porém, o procedimento da seleção e combinação das narrativas se concretizou na escrita de uma obra. Por sua vez, a escrita é considerada um dos principais rastros deixados pelos homens, portanto ela é um vestígio, podendo ser considerada como um fato. Assim, a obra em si seria factual, mas o seu conteúdo poderá ser considerado ficção se fizermos um movimento centrípeto, isto é, voltado para dentro do texto, já que este é o único que pode levar à sua ficcionalidade, ou fato, se atentarmos, principalmente, para a referencialidade ao mundo externo, ou seja, se fizermos um movimento centrífugo.

Fazendo uma leitura do conteúdo do livro **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter** e atentando para a sua referencialidade ao mundo externo, observamos que, diversas vezes, Mário de Andrade faz uso de elementos do mundo real, os quais se encontram internalizados na obra. Alguns destes fazem referência a diversas cidades e estados do país, especialmente aos que pertencem às regiões norte e nordeste do Brasil, conforme o trecho: “a alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro havia uma mesa de jacarandá esculpida arranjada com louça branca encarnada de Breves e cerâmica de Belém [...]”. (ANDRADE, 1984, p.39 grifo nosso). Além destes, o autor cita Óbidos, Manaus,

Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Gurupá, entre outros, portanto são localidades que, de fato, existem no mundo real. Mário de Andrade menciona pessoas importantes como o compositor Carlos Gomes, o pai da psicanálise Sigmund Freud, os escritores e intelectuais Frei Luís de Souza, Rui Barbosa, Manuel Bandeira, entre outros e mostra como Macunaíma criou uma das grandes paixões do brasileiro que é o futebol, no entanto, em seu livro, o esporte é taxado como uma praga do Brasil. Mário também faz alusão a um conteúdo factual histórico: a industrialização de São Paulo. Ao sair da “mata virgem” Macunaíma se depara com um cenário bastante diferente do que ele e seus irmãos estavam acostumados a conviver, chegam em São Paulo, a cidade do progresso, da modernidade, das máquinas. Mesmo confuso com tudo ao seu redor, o herói é obrigado a adequar-se com a nova vida. Percebe que a moeda tradicional de sua terra, sementes de cacau, tinha pouco valor na metrópole brasileira. Em São Paulo, a moeda corrente era chamada de: “arame contos contecos milréis boróis tostão duzentorréis quinhentorréis cinquenta paus [...]”. (ANDRADE, 1984, p.30). Os animais da floresta não eram mais animais, haviam se transformado em máquinas e automóveis

A inteligência do herói estava muito perturbada. Acordou com os berros da bicharada lá embaixo nas ruas, disparando entre as malocas temíveis [...] que mundo de bichos! Que despropósito de papões rocando, mauaris juruparis sacis e boitatás [...]. As cunhãs rindo tinham ensinado pra ele que o sagui-açu não era saguim não, chamava elevador e era uma máquina. De manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncões esturros não eram nada disso não, eram mais cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevrolés dodges marmons e eram máquinas. Os tamanduás os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos relógios faróis rádio motocicletas telefones gorjetas postes chaminés... eram máquina e tudo na cidade era só máquina! (ANDRADE, 1984, pp. 31-32).

Apesar de ter demonstrado um enorme desejo de conhecer o Brasil para sentir-se um brasileiro por completo, Mário de Andrade sentia-se, efetivamente, ligado à cidade de São Paulo, de modo que inseriu a sua realidade factual em sua obra de ficção. Não somente por gostar da cidade, mas, principalmente, por ter sido lá o foco do Modernismo brasileiro e por São Paulo ter sido o berço de uma mentalidade industrial (ampliação das indústrias, imigração, urbanização, meios de transportes e comunicação). Assim, o mundo ficcional do herói Macunaíma e sua realidade em meio a floresta Amazônica, repleta de onças, sacis e boitatás dão lugar

a apitos, buzinas, máquinas, bondes, trens, eletricidade, automóvel, velocidade... A São Paulo de Mário de Andrade é vivida por sua personagem na ficção, embora este se mostre completamente perturbado em meio a tanto progresso, euforia e barulho.

O ano da edição e publicação do livro **Macunaíma**, bem como a data e o local que o personagem Macunaíma escreveu o capítulo intitulado a “Carta pras Icamiabas” (trinta de maio de mil novecentos e vinte e seis em São Paulo) e, de fato, é uma carta, podem fazer parte de um mesmo tempo histórico e que, por sua vez, é o mesmo tempo histórico que se passa em São Paulo, ou seja, tudo pode ter acontecido na década de 1920, nesse sentido, Mário de Andrade, com **Macunaíma**, encontra outra forma de entender e pensar o real. Assim, poderá estar havendo uma mediação entre os dois mundos, pois com a inserção dos acontecimentos, lugares e pessoas conhecidas que outrora faziam parte do mundo real e que agora foram inseridos em um texto ficcional, o mundo real e o mundo ficcional se confundem e, junto com as narrativas em torno das aventuras de Makunaima, resultam em **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**.

O fato de Makunaima ser designado como mito<sup>46</sup> nos obriga a abrir um parêntese e dedicar uma pequena parte deste tópico ao estudo de tal termo, uma vez que nos norteará nas discussões seguintes. Segundo o pesquisador Mircéa Eliade (2002) até o século XIX, o mito era considerado por muitos estudiosos como fábula, invenção ou ficção, ou seja, o mito possuía o sentido de ilusão. No entanto, o estudo a respeito do mito vem ganhando novos espaços e significações, pois “el mito es una realidad cultural extremadamente compleja, que puede abordarse e interpretarse en perspectivas múltiples y complementarias.” ( ELIADE, 2002, p.05). Nesse sentido, as novas abordagens a respeito do mito buscam levar em consideração o que as sociedades “arcaicas” entendem a seu respeito, uma vez que, para elas, conforme Eliade (2002) “[...] el mito designa [...] una «historia verdadera», y lo que es más, una historia de inapreciable valor, porque es sagrada, ejemplar y significativa. ( ELIADE, 2002, p.03).

---

<sup>46</sup> Apesar de não usarmos essa denominação para nos referir a Makunaima pelo fato de acreditarmos que não existe um mito de Makunaima e sim as narrativas em torno de Makunaima que, juntas, definem a identidade deste.

Um dos pontos do nosso trabalho para discutir facticidade e ficcionalidade é justamente levar em consideração o que os habitantes da região Circum-Roraima falam sobre Makunaima, ou seja, o que Makunaima representa para eles. Tendo o mito como suporte, muitos indígenas acreditam nas explicações dadas através dele para a origem das frutas, das caças, dos fenômenos da natureza entre outros. Desta forma, os mitos, tem caráter pragmático para muitos, portanto são considerados factuais

Todas as cousas, vegetais, animais, estrelas, fenômenos meteorológicos, enfeites, utensílios de trabalho, técnica de fazer uma ubá, cortar uma árvore, remar, tirar o couro da anta, preparar uma armadilha para a onça, matar um veado, arranjar um aparelho de pesca, reconhecer a vinda da piracema, os hábitos dos peixes, todas têm uma história religiosa, hierárquica, e uma literatura folclórica adjacente, explicando pormenores que atestam a velhice do motivo. (CASCUDO, 2006, p.93).

Não há uma definição exata e universal do que seria o mito. Contudo, Mircea Eliade (1989) tentando defini-lo diz que

[...] o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos [...] o mito conta [...] uma realidade que passou a existir, quer seja [...] uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre, portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir [...] (ELIADE, 1989, pp. 12-13).

O autor ainda complementa, “o mito é considerado como uma história sagrada, e, portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades” (ELIADE, 1989 pp. 12-13). Logo, percebemos que, assim como o texto pragmático, o mito também pode se referir ao mundo real, pois: “só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente” (ELIADE, 1989, p. 50).

Digressão finalizada! Conforme abordamos anteriormente, as narrativas em torno de Makunaima contam a história de um ser que, para muitos, veio para representar Deus na terra e que criou homens e animais<sup>47</sup> e, embora nunca tenha sido visto, a crença na sua existência é percebida na fala de muitos nativos ou até mesmo na afirmação de outras pessoas que frequentam a região onde as narrativas se fazem presente. Em uma reportagem exibida pelo programa “Globo Repórter” da

---

<sup>47</sup> Tais como a cobra venenosa que foi criada a partir de um cipó e a arraia que foi criada a partir de uma folha de aninga.

Rede Globo, no dia 22 de março de 2013 que tinha como tema o Monte Roraima, o guia de turismo Leo Tarolla, quando estava falando sobre o Monte a uma repórter da rede Globo, afirma que: “Makunaima está em algum lugar, é parte deste lugar e está entre nós”, embora não seja índio, efetivamente, Leo Tarolla acredita na existência e na presença de Makunaima no Monte Roraima. A fé na existência de Makunaima, também pode ser percebida na declaração de alguns participantes do documentário “Nas Trilhas de Makunaima”<sup>48</sup>, conforme se verifica na fala de Florêncio Aguso Perez, índio Taurepáng da Venezuela, quando também se referia ao Monte Roraima e a Makunaima: “para mim existe esse personagem nesse lugar, pois quando alguém faz um barulho, dá um grito ou atira uma pedra... o tepuy<sup>49</sup> não fica como está, começa a ficar nublado por completo” (grifo nosso). Por outro lado, também é possível perceber, neste mesmo documentário, que nem todos os indígenas acreditam que Makunaima é um Deus. Clemente Flores, índio Taurepáng, embora acredite na existência de Makunaima, não a considera como um Deus e sim um pajé, um curador, uma pessoa comum. Em **Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná** Theodor Koch-Grünberg escreve, entre parênteses, os esclarecimentos dos informantes em relação a alguma narrativa que estavam lhe narrando, conforme trecho: “(até hoje a inajá dá frutas na época das chuvas)” (KOCH-GRÜNBERG, 2002, p.53), de modo que não há dúvida que eles acreditam na existência de Makunaima. Com esses exemplos podemos perceber que o imaginário dessas pessoas faz com que elas acreditem, através dos elementos que de alguma forma estão ligados às histórias em torno de Makunaima, principalmente quando se diz respeito ao Monte Roraima, que Makunaima é um fato, portanto existiu e/ou ainda existe no mundo real. Contudo, mesmo não negando a sua existência, para outros indígenas, Makunaima é apenas um ser comum, portanto pode ser ficção a ideia de considerá-lo como um Deus, mas a sua existência no mundo real ainda continua sendo factual.

---

<sup>48</sup> Como não fizemos entrevista com os indígenas estamos usando este documentário como *corpus* para as nossas discussões

<sup>49</sup> Tepuy é a denominação que muitos indígenas dão ao Monte Roraima

Para os indígenas, o Monte Roraima é considerado a principal referência sobre a existência de Makunaima no mundo real como, de fato, observa Theodor Koch-Grünberg

Muitas de suas canções e muitos dos seus mitos têm relação com esse monte majestoso. Para eles o Roraima é o berço da humanidade. Aqui, o herói de sua tribo, viveu com seus irmãos. Aqui, em sua loucura e cobiça, ele derrubou a árvore do mundo, que dava todos os frutos bons. [...]. O rochedo Roraima é o cepo que ficou de pé (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.126).

Conforme observamos na figura abaixo



Figura 1 –Monte Roraima- Disponível em -<http://misterioamazonia.blogspot.com/> acessado em 20/05/2013.

No Monte Roraima, ou simplesmente no Roraima, a presença de Makunaima se manifesta por meio de diversas interpretações: muitos indígenas acreditam que dentro da rocha existe um ser que possui uma grande força e que não pode ser

tocado, pois poderá se vingar<sup>50</sup>; também há a crença de que no Monte existem muitas frutas da árvore *Wazaká* que ficaram por lá após a árvore ser derrubada, porém são invisíveis, podendo um dia tornarem-se visíveis se as regras da natureza forem respeitadas pelos homens; ou ainda, conforme observa Martins, índio ingarikó do Brasil, em depoimento ao documentário “Nas Trilhas de Makunaima”

Se estragar o Monte Roraima a natureza se zangará e dali sairá uma grande quantidade de água [...] e isso poderá acabar com a vida das pessoas dessa região. Por isso que tem que respeitar o lugar porque ali estão concentrados todos os pais da natureza.

Os indígenas pregam o respeito pela natureza para preservar a biodiversidade do Monte Roraima e, de certa forma, para manterem vivas as narrativas que lhe fazem referência, de modo que se a natureza for desrespeitada eles poderão sofrer algum tipo de castigo que, neste caso, seria uma inundação. A punição para quem desrespeitar a natureza está diretamente ligada à narrativa “A árvore do mundo e a grande enchente” que conta a origem do Monte Roraima, ou seja, a história que se desenvolveu no passado, agora, retorna como ponto de referência para a sua reafirmação na atualidade. Assim, a crença na existência de Makunaima vai se renovando à medida que as narrativas vão sendo trazidas para os dias atuais.

Makunaima também se apresenta no Monte Roraima sobre as mais diversas formas. Existem rochas que lembram bichos ou figuras humanas, uma delas, comparada a uma figura humana, é considerada a “imagem do sagrado”, que é a Pedra de Makunaima, como podemos observar na figura abaixo

---

<sup>50</sup>De acordo com o antropólogo alemão Ervin Frank, em entrevista ao documentário “Nas trilhas de Makunaima”, esse tipo de pensamento se associa como uma forma de religião que se chama animismo, ou seja, as rochas e pedras tem a capacidade de interferirem na vida das pessoas, portanto são animadas, quase humanas.



Figura 2 Figura 2- Pedra de Makunaima- disponível em <http://www.camerataallegro.com.br/> acessado em 20/05/2013

Para Juan Suere, índio Taurepáng da Venezuela, conforme observamos no documentário “Nas Trilhas de Makunaima”: “esta é uma pedra, mas com forma de Makunaima: Pode ver... é como se estivesse sentado com o seu bastão”.

Como falamos anteriormente, de acordo com as narrativas indígenas, Makunaima transformou mulheres, homens, feridas e animais em pedras, conforme figuras abaixo, cujos traços, bem visíveis, lembram a imagem de um elefante e de uma tartaruga gigante, respectivamente.



Figura 3 - Elefante- Disponível em <http://www.adventurezone.com.br/blog/o-monte-roraima-e-o-mundo-%E2%80%93-parte-2>



Figura 4 -Tartaruga gigante- Disponível em: <http://viajamos.com.br/profiles/blogs/monte-roraima-conhe-a-as-belezas-deste-mundo-perdido?overrideMobileRedirect=1>. Acessado em 09 de março de 2014.

Esses animais que, agora estão representados em forma de pedras, de acordo com os indígenas, são aqueles que se alimentavam da árvore da vida, que após seu tronco ser transformado no Monte Roraima foram petrificados e permaneceram por lá.

As figuras petrificadas representam uma forte simbologia para os habitantes da região Circum-Roraima, em especial o Monte Roraima, que é considerado por indígenas, cientistas e sensitivos como um lugar envolvido por um grande mistério e misticismo. Para os indígenas, o Monte Roraima é um lugar sagrado, pois é a casa de Makuanima e não é simplesmente a figura de um bloco de arenito que está ali representada naquele território. Nesse caso, o Roraima seria uma metáfora da existência de Makunaima no mundo empírico, uma vez que, conforme Mircea Eliade:

“o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais” (ELADE, 1992, p.12). Portanto, essa “pedra sagrada é venerada porque é sagrada e não porque é pedra; é a sacralidade manifestada pelo modo de ser da pedra que revela sua verdadeira essência” (ELIADE, 1992, 59). Embora o Monte Roraima seja admirado por muitos, principalmente devido às suas belezas naturais, ele só adquire o sentido de sagrado para aqueles que acreditam na existência de Makunaima no mundo real.

Se deixarmos de lado todas as informações que elencamos neste trabalho acerca das narrativas que envolvem Makunaima, que de alguma forma justificam o formato do Monte Roraima e das demais rochas que nele se agrega, e atentarmos para os fenômenos da natureza, podemos inferir que a forma de algumas rochas, que lembram animais, conforme imagens acima, ou seres humanos, pode ter sido adquirida em decorrência da erosão causada pela chuva e pelo vento ao longo dos milhares de anos de existência do Monte Roraima. Assim como se atentarmos para o fato de o Monte Roraima ser uma área de preservação ambiental, que faz parte da reserva indígena Raposa/Serra do Sol, a qual fica sob a proteção do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)<sup>51</sup> e que é necessária uma série de trâmites burocráticos para ter acesso ao local, talvez explique o fato dos visitantes sentirem uma energia positiva que vem do Monte, uma vez que sua biodiversidade ainda se encontra preservada. Portanto, olhando por este lado, todos os elementos que citamos acima, os quais, de alguma forma, fazem referência à existência de Makunaima no mundo imaginário dos povos daquele lugar, poderão ser apenas ficção para as demais pessoas, i. é, história inventada e que adquiriu a facticidade por meio do imaginário daqueles que acreditam e se apegam a esses elementos para justificar a existência de Makunaima.

Também as possíveis referências ao mundo real empírico, que enumeramos em **Macunaíma**, podem ser consideradas apenas elementos do enredo para uma leitura interna do livro se não levarmos em consideração o mundo externo, sobretudo as informações coletadas e vivenciadas no norte do Brasil por seu autor e que foram inseridas na obra, ou se atentarmos para o fato de que o livro de Mário de

---

<sup>51</sup> O instituto é responsável somente pela área pertencente ao Brasil que equivale apenas 5% do Monte Roraima.

Andrade é uma obra literária, portanto, não tem compromisso com a realidade, embora muitas vezes possa refleti-la, ou ainda se observamos o processo de tradução e recepção das narrativas orais quando foram contadas a Koch-Grünberg e traduzidas por este, pois conforme mostramos neste capítulo, nem os informantes e nem mesmo Theodor Koch-Grünberg, foram fiéis às narrativas “originais”. Assim, a existência de Makunaima no mundo real poderá ser concebida como parte do imaginário de cada um, mas Makunaíma (de Theodor Koch-Grünberg) e Macunaíma (de Mário de Andrade) podem ser considerados como ficcionais se levarmos em consideração o motivo do primeiro ter sido resultado de um processo de tradução e recepção de narrativas orais feito por Theodor Koch-Grünberg e que figura como elemento principal em um livro de narrativas orais que, por sua vez, mais tarde, se transformou em Macunaíma, personagem principal de uma obra de ficção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado, intitulada “Makunaima/Macunaíma Theodor Koch-Grünberg e Mário de Andrade, entre fatos e ficções”, assumiu como objetivo geral, um estudo voltado para o processo de criação dos fatos e ficções nas narrativas relacionadas a Makunaima e no livro **Macunaíma: O herói sem nenhum caráter**. Como precisamos pôr um possível “ponto final” nesta empreitada, de antemão, já adiantamos que as considerações aqui elencadas serão uma primeira reflexão sobre aspectos significativos do *corpus* analisados, mas outras possíveis considerações podem e devem ser feitas após o término dessa tarefa, podendo ou não ratificar as nossas prováveis conclusões, pois a pesquisa deve continuar de forma mais aprofundada.

Muitas questões foram lançadas a fim de discutirmos o processo de criação dos fatos e ficções em nosso *corpus* de pesquisa, mostramos os possíveis fatos e as possíveis ficções nos *corpus* analisados e percebemos que as narrativas que envolvem Makunaima, presentes em **Mitos e Lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**, que foram coletadas nos anos de 1911 a 1913 por Theodor Koch-Grünberg, são narradas hoje por índios e não índios da região Circum-Roraima, conforme verificamos no documentário “Nas Trilhas de Makunaima” visto que estão vivas na memória coletiva dos habitantes da região. A proposta para uma futura investigação seria identificar como se dá (ou se deu) o processo de transmissão dessas narrativas orais entre os índios e não índios, com o intuito de sabermos se existiu e/ou existe alguma influência do livro **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter** sobre essas histórias orais, ou até mesmo se o livro **Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná** exerceu e/ou exerce alguma interferência sobre elas.

Embora haja muitos elementos que podem fazer referência à existência de Makunaima no mundo real-histórico, sobretudo, representado pelas rochas, em especial o Monte Roraima, além dos campos de referências selecionados por Mário de Andrade e incluídos em **Macunaíma** que, de alguma forma, podem ser usados para a interpretação do contexto do livro, dentre os quais destacamos a industrialização de São Paulo, as cidades brasileiras, a constelação Ursa Maior,

entre outros, optamos por em nenhum momento afirmar que as narrativas que dizem respeito ao Makunaima ou o próprio livro **Macunaíma** seriam compostos somente de fatos e ficções, respectivamente, ou que teriam fatos e ficções ao mesmo tempo, mas isso não desqualifica em nada nossa pesquisa, já que o objetivo era levantar discussões sobre o processo diferenciado de uso dos elementos factuais e ficcionais nos *corpus* analisados e isso fizemos ao longo deste trabalho. Essa imparcialidade foi assumida devido termos como suporte principal a teoria da recepção e os modos criados de representação, ou seja, o literário. Neste sentido, enquanto pesquisadores, não pudemos mostrar uma conclusão absoluta a respeito do ficcional ou factual presente em **Macunaíma** e Makunaima, pois não temos as narrativas “originais” uma vez que estamos trabalhando com a recepção do outro, isto é, do etnólogo Theodor Koch-Grünberg em relação às narrativas orais indígenas da Amazônia, portanto, alguma conclusão a esse respeito, poderia interferir na leitura de possíveis estudiosos e/ou leitores, visto que “[...] a qualificação de um texto como realista enclausura intérprete e leitor em uma posição previamente demarcada” (LIMA, 2006, p. 282), assim, não demarcamos nada e deixamos os leitores tirarem as suas próprias conclusões e dizerem se as narrativas que giram em torno de Makunaima foram criadas para explicar a existência do Monte Roraima, bem como das demais rochas que dele fazem parte, ou se esses elementos são usados como referência para comprovar a veracidade das narrativas que envolvem Makunaima, ou ainda que o livro homônimo de Mário de Andrade representa a realidade tal qual conhecemos. Portanto, dada às dimensões culturais diferentes em que as narrativas em torno de Makunaima e o próprio livro de Mário de Andrade circulam, somente a partir de um relacionamento dinâmico entre autor, obra e leitor ou ainda, entre narrador e ouvinte, é que se chegará a uma conclusão a respeito do factual ou do ficcional em Makunaima ou em **Macunaíma**, ou até mesmo de ambos serem considerados tanto ficcionais como factuais, pois, mais uma vez fazendo uso das palavras de Karlhenz Stierle: “o mundo da ficção e o mundo real se coordenam reciprocamente: o mundo se mostra como horizonte da ficção e a ficção como horizonte do mundo” (STIERLE, 2002, p.155).

Parafraseando as palavras de Theodor Koch-Grünberg (2002) em um ensaio presente no livro **Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**, aos

pesquisadores de fatos e ficções entregamos esse material para posteriores estudos, visto que a pesquisa continua, mas o nosso tempo destinado a ela, neste curso de pós-graduação, terminou e, para finalizar, como diria Macunaíma, por enquanto, “Tem Mais não!”.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

\_\_\_\_\_ **O Turista Aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ATAÍDE, Tristão de. **Macunaíma** In: JASCHKE, Olga Liane Zanotto Manfio **Caleidoscópio Macunaímico: recepção crítica (1928- 1954)**. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2008. 334 p. Tese de Doutorado-programa de pós-graduação em Literatura brasileira – História e crítica. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

BANDEIRA, Manuel (org.) **Mário de Andrade Cartas a Manuel Bandeira**: Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas volume I: Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. Volume 2. São Paulo: Martins, 1959.

CARVALHO, Fábio Almeida de. Makunaima/Makunaíma, antes de Macunaíma. In: **Revista Crioula**. Nº 05, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/viewFile/54943/5859>> Acessado em 20 de janeiro de 2014.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil** 2ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana**. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_ **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. 3ª ed. São Paulo: ILUMINURAS, 2005.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_ **O sagado e o Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_ **Aspectos do mito**. Edições 70, Lisboa, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4ª Ed. Coord. Margarida dos Anjos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FRANK, E. H. **Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Volkerkunde alemã do século XIX**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 559-584, 2005.

FREUD, Sigmund. **Uma nota sobre o bloco mágico. Edição Standard Brasileira das obras completas**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GÊNESIS: In **Nova Bíblia Viva**. Tradução Marcos Granconato e Valtair Miranda. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O mito de Macunaíma** In JASCHKE, Olga Liane Zanotto Manfio **Caleidoscópio Macunaímico: recepção crítica (1928- 1954)**. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2008. 334 p. Tese de Doutorado-programa de pós-graduação em Literatura brasileira – História e crítica. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. In: LIMA. Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

JASCHKE, Olga Liane Zanotto Manfio **Caleidoscópio Macunaímico: recepção crítica (1928- 1954)**. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2008. 334 p. Tese de Doutorado-programa de pós-graduação em Literatura brasileira – História e crítica. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Mitos e lendas dos índios Taulipangue e Arekuná**. Tradução de Henrique Roenick e revisão de M. Cavalcante Proença, In: Sérgio Medeiros (org.), **Makunaíma e Jurupari, cosmogonias ameríndias**, São Paulo: Perspectiva, 2002.

**Do Roraima ao Orinoco, v.1: (Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913)**. Tradução Cristina Alberts-Franco – São Paulo: UNESP, 2006.

KRAUS, Michael. **Bildungsbürger im Urwald: Die deutsche ethnologische Amazonien-forschung (1884–1929)**. Marburg: Curupira, 2004.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liane. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Macunaíma: a margem e o texto**. São Paulo: HUCITEC-SCET CEC, 1974.

\_\_\_\_\_. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Ed. Crítica (coord.) Telê Porto Ancona Lopes: Paris, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mário de Andrade, Entrevista e Depoimentos**, Biblioteca de Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1983.

MEDEIROS, Sérgio. **Contos confusos**. In: **Makunaíma e Jurupari cosmogonias ameríndias**. Sérgio Medeiros (org.). São Paulo: perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **A mitologia do viajante solitário**. In: **Makunaíma e Jurupari cosmogonias ameríndias**. Sérgio Medeiros (org.). São Paulo: perspectiva, 2002.

MORAES, M. A. (org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas, 1924-1944**. São Paulo: Global, 2010.

PASSETTI, Dorothea. **Tristes Trópicos: os anos brasileiros de Lévi-Strauss**. In: **Ciências Sociais na atualidade – Brasil: resistência e invenção**. BERNARDO, Terezinha & TÓTORA, Silvana (Org.). São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. São Paulo: EDUSC, 1999.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história o esquecimento**. Tradução: Alain François et. al. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.

SÁ, Lúcia. **Tricksters e mentirosos que abalaram a literatura nacional: As narrativas de akúli e Mayuluaípu**. In: **Makunaíma e Jurupari cosmogonias ameríndias**. MEDEIROS, Sérgio (Org.). São Paulo: perspectiva, 2002.

SANTIAGO, Silvano. **A trajetória de um livro**. In: **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Ed. Crítica (coord.) Telê Porto Ancona Lopes: Paris, 1988.

SCHMID, Wolf (2010 [2003]). **Narratology. An Introduction**. Berlin/New York: De Gruyter.

SCHWARZ, Fernand. **O Mito do Dilúvio** In: **Nova Acrópole**. Disponível em <[http://.nova-acropole.pt/a\\_mito\\_diluvio\\_.htm](http://.nova-acropole.pt/a_mito_diluvio_.htm)>. Acessado em 25 de julho de 2013.

SOUZA, Gilda de Mello. **O Tupi e o Alaúde: uma interpretação de Macunaíma**. São Paulo: Duas cidades, 1979.

STIERLE, Karlheinz. **A ficção. Novos Cadernos do Mestrado** volume 1: Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés/Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, 2006.

\_\_\_\_\_ **O que significa a recepção de textos ficcionais.** In: **A literatura e o leitor.** LIMA, Luiz Costa (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TAYLOR, Anne-Christine. **Dom Quixote na América: Claude Lévi-Strauss e a antropologia americanista.** In **Revista sociologia&antropologia**, v.01.02: p, 77–90, 2011. Tradução de Estela Abreu. Disponível em <[http://www.revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano1v2\\_artigo\\_anne-christine-taylor](http://www.revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano1v2_artigo_anne-christine-taylor)>. Acessado em 04 de março de 2014.

WHITE, Hayden . **Trópicos do Discurso - Ensaio Sobre a Crítica da Cultura.** Volume 6. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor.** Trad. Carolina Alfaro. In: **Palavra.** RJ: PUC-Rio, 1995, v. 3, p.111-134.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

(Blogs, documentário, programas de TV e mídias em CD)

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Walzenaufnahmen aus brasilien 1911-1913**. Berl in: Berl i ner Phonogramm-Archi v, 2006a. (Historische Klangdokumente, 3).(CD).

MENDES, Hugo. **Yggdrasil- A Árvore do Mundo**. Disponível em <<http://valedomago.blogspot.com.br/2013/04/yggdrasil-arvore-do-mundo.html>> Acessado em 08 de novembro de 2013.

MONTE RORAIMA. **Globo Repórter**, Rio de Janeiro: Rede Globo, 22 de março de 2013. Programa de TV.

**Nas Trilhas de Makunaima**. Direção: Thiago Brígia. Brasil: 2007, 52 min. Disponível em < <http://vimeo.com/69919258>> acessado em 19 de agosto de 2013.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

**1-A ÁRVORE DO MUNDO E A GRANDE ENCHENTE**

(Narrado por Akúli, índio Arekuná).

Makunaíma e seus irmãos estavam passando fome, mas Akúli voltava sempre de barriga cheia para casa. Ele comia as frutas da árvore Pupu, que havia achado na floresta, mas nada dizia aos outros. Os outros apenas comiam as frutas ruins da árvore Kaiu-yég. Então Makunaíma mandou Kali esperar Akúli.

Akúli comeu novamente as frutas da Papu, mas desta vez Kali subiu numa árvore próxima para ver. Akúli depois voltou e disse a Makunaíma: “Lá não tem nada!” Kali porém trouxe uma fruta na mão e disse a Makunaíma: “Esta é a fruta que Akúli sempre come!” Makunaíma saboreou a fruta e disse a Akúli: “Já descobrimos o que comeste!” Então Makunaíma e seus irmãos foram com Kali e Akúli ver a árvore. Makunaíma queria derrubá-la, mas Akúli não consentiu. Os irmãos, porém, a derrubaram.

Após derrubarem a árvore, acharam outra ali perto, Ná-yég. Comeram todas as frutas, seguiram adiante e acharam um lugar para passar os próximos dias. Sentiram de novo muita fome e comeram frutas ruins. Akúli separou-se deles para procurar outras frutas. Achou a árvore Wazaká, que estava carregada de todas as frutas boas que existem.

Eles ainda não possuíam o fogo e, por isto, comiam tudo cru, peixe, caça, tudo. Procuraram o fogo e acharam o passarinho Mutúg, que, segundo se dizia tinha o fogo. O pássaro estava pescando Makunaíma amarrou-lhe um comprido cordel ao rabo, sem que ele o notasse. Logo o pássaro se assustou, levantou voo e levantou o cordel consigo. Os irmãos seguiram o cordel e acharam a casa do Mutúg. Eles levaram então o fogo. (Talvez o tenham levado à força).

Depois voltaram e procuraram Akúli, que diariamente comia frutas da árvore Wazaká. Ele nada revelou aos outros, só lhe dava frutas imprestáveis.

Acharam pois Akúli. Makunaíma lhe disse: “Vamos dormir!” Makunaíma apenas fingiu que dormia. Quando Akúli realmente caiu no sono, Makunaíma levantou seu lábio superior e achou entre os dentes um pedaço de milho. Então Makunaíma mandou Kali seguir Akúli.

Kali foi atrás de Akúli e comeram as frutas. Akúli disse a Kali: “Não digas nada aos outros!” Kali voltou e nada disse. Assim, os dois comeram durante muitos dias dessas frutas boas e nada disseram aos outros. Sempre que voltavam para casa estavam de barriga cheia e não queriam mais comer das frutas ruins, oferecidas por Makunaíma. Só comiam um pouquinho, pois já tinham comido de todas as frutas boas que existem.

Um dia Kali contou tudo a Makunaíma. Então Makunaíma e seus irmãos foram ver com Kali e Akúli a árvore que dava todas as frutas. Akúli havia escondido num buraco do tronco todas as frutas maduras que achara no chão. Kali foi na frente, mostrando o caminho a Makunaíma. Makunaíma ia atrás dele. (Makunaíma, o mais novo dos irmãos, era mais safado que todos os outros, embora fosse um menino. Os outros irmãos dependiam dele, pois ele lhes garantia o sustento.).

O irmão mais velho, Jiguê, disse aos irmãos que não abatessem essa árvore, como tinham feito com a árvore Pupu, mas que comessem apenas as frutas que estavam caindo. Makunaíma, porém, queria derrubar esta árvore. O irmão mais velho disse: “Não! Não derrubaremos esta árvore, senão ficaremos outra vez sem comer!”, pois nada tinham comido depois que derrubaram a árvore Pupu. Makunaíma, porém, não queria dar-lhe ouvidos, e insistia em abater a árvore. Jigué, cansado de discutir, disse: “Então derruba!”

A árvore Wazaká estava envolvida em cipós. Makunaíma pediu a Kali que subisse nos galhos para cortar os cipós. Mas lá havia muitas vespas, que picaram Kali nas pálpebras. Por isso estas estão inchadas até hoje.

Akúli juntou muitas frutas e lenha, enfiou tudo no buraco do tronco e entupiu com cera de abelha.

Makunaíma começou a dar golpes num lado do tronco, Jigué no outro. Jigué golpeava e dizia: “Waianayég”. Então um dos lados do tronco foi ficando cada vez mais duro.

Makunaíma, porém, golpeava mais depressa que Jigué e dizia sempre: “Elupa-yég”. Então este lado foi ficando cada vez mais mole. A árvore quebrou-se. Caiu por cima da árvore yeluwazaluima-yég. Makunaíma também derrubou essas árvores. (Seus tocos forma hoje as montanhas Elu-tepe e yuluwazaluimá-tepe. O toco da árvore Wazaká forma o Roraima. Todas estas montanhas têm o mesmo formato e são muito

altas.) As árvores caíram todas para o outro lado. Por isso ainda hoje existem por lá muitas bananas, milho, algodão e muitas frutas silvestres.

A árvore Wazaká caiu sobre o Caróni, onde se acha ainda hoje. (E agora um rochedo que atravessa o Caróni. Forma o elevado salto Wazaká-melu, onde as canoas devem ser descarregadas e levadas por terra.) As duas outras árvores Elu-yég e Yuluwazaluima-yég também caíram sobre o Caróni. (Formam hoje as altas quedas Eutoálime-melu e Peleuuíma-melu.)

Jigué cobriu o toco da árvore Wazaka com um cesto. Do toco saíram muitos peixes. Akúli tentou vedar melhor o buraco em que havia enfiado as frutas e a lenha, porque sabia que do toco ia jorrar muita água. Quando Jigué cobriu o toco, Makunaíma disse: “Deixa sair um pouco mais de peixes para os riachos! Depois vamos cobrir o toco”. Levantou um pouco o cesto. Então a água veio com muita força e jogou o cesto para o lado. Saiu muita água e não conseguiram mais contê-la.

Makunaíma enfiou um tronco de inajá muito alto na terra. Jiguê estava zangado com ele, mas não podia fazer nada, pois quando Makunaíma queria alguma coisa ele insistia até conseguir. Jigué então fincou um tronco de inajá no solo, da mesma altura que o de Makunaíma. Estas árvores frutificaram e cada um subiu na que era sua.

Então Jigué disse: “As minhas frutas ainda não têm sabor. Será que as tuas estão boas?” Makunaíma respondeu: “Não! As minhas frutas também não têm gosto. Deixa-me saborear as tuas frutas!” Então Jigué lhe deu uma fruta. Makunaíma tirou uma dentada, esfregou a fruta no próprio pênis e a devolveu a Jiguê, dizendo: “Experimenta-a agora!” (Até hoje a inajá dá frutos na época das chuvas).

Akúli tinha-se arrastado para dentro do buraco do tronco, onde escondera as bananas. Queria salvar-se da grande enchente e tapou o buraco. Fez um fogo dentro do buraco e se aqueceu nele. O fogo, porém, pegou no seu traseiro e se transformou em pelo ruivo. E Akúli, até hoje, ficou com o traseiro coberto com pelo ruivo.

## ANEXO B

**2- A ÁRVORE DO MUNDO E A GRANDE ENCHENTE**

(Narrado por Mayuluaípu, índio Taulipangue).

Antigamente cinco irmãos viviam ao pé do Roraima: Makunaíma, Ma' nápe, Anzikílan, Wakalámbe e Anike. Ma' nápe era o mais velho, mas não valia nada, os cinco irmãos estavam com muita fome. Então Akúli, que era um homem naqueles tempos, achou dentro da floresta uma árvore, chamada Wazaká, carregada com todas as frutas boas, todas as variedades de banana, mamão, caju, laranja e milho. Todos os dias ele comia muita fruta, mas nada dizia aos outros.

Quando Akúli voltou para casa de barriga cheia, Makunaíma lhe disse: "Vamos dormir!" Mas ele só queria era descobrir o que Akúli tinha comido, porque todos os dias ele aparecia de barriga cheia. Akúli dormiu. Makunaíma fez de conta que também estava dormindo, mas levantou o lábio de Akúli para ver o que ele tinha comido. Achou um pedacinho de fruta na boca de Akúli e, saboreando-a, descobriu que era a banana Wazaká-pelú. Akúli acordou, mas nada percebeu.

No dia seguinte Makunaíma mandou Kali, que naquele tempo também era uma homem, atrás de Akúli, para ver onde ele achava as frutas. Chagaram perto da árvore, onde muitos papagaios e periquitos comiam as frutas. Kali queria ver a árvore, mas Akúli não a quis mostrar. Voltaram.

No dia seguinte, Makunaíma mandou o irmão mais velho, Ma' nápe, com os dois. Eles percorreram um bom trecho da floresta, mas Akúli enganou Ma' nápe e disse: "Fica aqui nesta árvore e tira frutas! Nós vamos procura outra árvore!".

A árvore, porém, era uma Záu. Os outros dois foram mais à frente e Akúli mostrou a Kali a árvore com as frutas.

Akúli disse a Kali: "Come as frutas que estão no chão!" Kali respondeu: "Vou subir. Lá em cima tem mais e melhores!" Akúli disse: "Não subas! Lá tem muitas vespas que te picarão!" Kali insistiu e disse: "Não ligo! Vou subir de qualquer jeito!" Mas havia muitas vespas lá em cima. Por isso Akúli ficou embaixo, comendo escondido. Kali subiu e pegou a banana mais bonita. Então vieram duas vespas e picaram suas pálpebras superiores. Kali caiu da árvore e disse: "Estavas certo, meu amigo! Eu não

quis aceitar o teu conselho e fui castigado!” Desde então Kali ficou com as pálpebras inchadas.

Makunaíma desconfiou dos dois, porque Kali voltou com os olhos inchados. Por isso mandou no dia seguinte o seu irmão mais velho, Ma'nápe, atrás deles e lhe disse: “Esconde-te no caminho. Se os dois trouxerem porventura bananas e as esconderem, podes logo comê-las se tiveres fome”. Ma'nápe escondeu-se no caminho. Os dois passaram, mas já tinham escondido as bananas noutra lugar. E assim aconteceu todos os dias.

Então Makunaíma pediu de novo ao seu irmão mais velho, Ma'nápe, que acompanhasse os dois. Estes finalmente lhe mostraram a árvore com as frutas. Ma'nápe disse: “Que bons amigos são vocês! Comem aqui fartamente todos os dias e nada nos dão!” Akúli disse: “Sim, comi aqui todos os dias até não poder mais, não lhes disse nada e dei a vocês só coisa imprestável!”. Ma'nápe comeu muitas bananas, até encher a barriga. Depois fez um cesto para levar bananas ao seu irmão. Akúli lhe disse: “Cuidado! aí tem muitas vespas!” Mas Ma'nápe respondeu: “As vespas não me picam!” Colheu muitas bananas maduras caídas no chão, encheu o cesto e voltou para casa. Contou o caso ao seu irmão Makunaíma e fez uma salada de bananas, que comeu com seus irmãos.

Então Ma'nápe, o irmão malvado, disse a Makunaíma: “Amanhã vamos derrubar a árvore!” Akúli, que era muito inteligente e sabia de tudo com antecipação, respondeu: “Não devem derrubá-la! Vamos apenas buscar as frutas! Se abatermos essa árvore, teremos uma grande enchente!” Mas Ma'nápe era teimoso; tomou um machado e golpeou o tronco da árvore dizendo: “Mapaza-yég, élupa-yeg, makúpa-yég, palúlu-yég!” Então a madeira amoleceu e o machado penetrou cada vez mais fundo nela. Akúli continuou advertindo: “Não a derrubes! Não a derrubes! Virá muita água!” Pegou todas as cascas de frutas e também cera de abelhas, tapando depressa todos os buracos que Ma'nápe fazia. Mas este continuou golpeando a árvore. Quando ele dizia “palúlu-yég”, o tronco ficava tão mole que o machado penetrava fundo. Só estava sobrando uma lasca do tronco. Então um outro irmão, Anzikílan, disse: “Waína-yég!”. O resto do tronco endureceu muito e o machado não entrou mais. Porém Ma'nápe disse de novo: “élupa-yeg, makúpa-yég, palúlu-yég!” E o tronco amoleceu outra vez e ele derrubou a árvore.

Se a árvore tivesse caído para este lado, haveria hoje aqui muitas bananas na floresta, mas caiu para o outro lado do Roraima. Por isso ainda hoje existem naquelas matas muitos bananais que ninguém plantou e não falta nada lá. Os bananais pertencem aos Mauari ( demônios das montanhas) todas aquelas montanhas, Roraima e outra são suas casas. Assim dizem os médicos-feiticeiros, que são os únicos que podem ver os Mauari e podem falar com eles. O toco da árvore que ficou (yei-píape) é o Roraima.

Quando Ma'nápe abateu a árvore, dela saiu uma grande quantidade de água e muitos peixes, entre eles uma espécie de traíra muito grande, mas foram todos para o outro lado. Até hoje, há muito peixe grande por lá: piraíba, surubim e outros. Deste lado há poucos e pequenos.